

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PPG – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

JORGE BATISTA DIETRICH DE OLIVEIRA

A PRESENÇA DA IGREJA NOS LARES
UM ENSAIO SOBRE A CAPILARIDADE DA IGREJA NO CONTEXTO URBANO

São Leopoldo
2010

JORGE BATISTA DIETRICH DE OLIVEIRA

A PRESENÇA DA IGREJA NOS LARES
UM ENSAIO SOBRE A CAPILARIDADE DA IGREJA NO CONTEXTO URBANO

Trabalho de Conclusão de
Especialização em Missão Urbana
Para obtenção do grau de
Especialista em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós Graduação

Orientador: P. Ms. Martin Volkmann

São Leopoldo
2010

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	3
1 A REALIDADE DA CIDADE.....	6
1.1 A cidade como desejo e frustração.....	7
1.1.1 A crise da qualidade dos serviços urbanos.....	8
1.1.2 A crise da forma e a mentalidade urbana.....	9
1.1.3 A crise da identidade e do modo de vida.....	10
1.1.4 A crise do Estado - organização política.....	11
1.2 O pluralismo religioso.....	12
2 O DESAFIO DA MISSÃO.....	17
2.1 A missão como manifestação do reino de Deus.....	17
2.2 A Igreja como instrumento da missão de Deus.....	18
2.3 A importância da casa na missão de Deus.....	19
2.3.1 A casa como chave hermenêutica da cidade.....	19
2.3.2 A casa no NT como expressão do reino de Deus.....	20
2.3.3 A casa para Lutero e o sacerdócio geral de todos os crentes.....	22
2.3.4 A casa e a dinâmica dos pequenos grupos na atualidade.....	24
3 A DIVERSIDADE DE PROPOSTAS MISSIONÁRIAS NA REALIDADE URBANA ...	27
3.1 Alguns modelos que estão influenciando as igrejas evangélicas no Brasil.....	27
3.1.1 Igreja nos lares.....	27
3.1.2 Igreja em células.....	28
3.1.3 Rede ministerial.....	30
3.1.4 Igreja com propósito.....	31
3.1.5 Desenvolvimento natural da igreja.....	32
3.2 Avaliação das propostas missionárias.....	34
4 IMPLANTANDO PEQUENOS GRUPOS NOS LARES.....	36
4.1 O porquê de pequenos grupos nos lares.....	37
4.2 Começando pequenos grupos nos lares.....	38
4.3 O funcionamento dos pequenos grupos nos lares.....	39
4.4 Formando lideranças para os pequenos grupos nos lares.....	41
4.5 Como o pequeno grupo e a grande celebração se relacionam.....	42
CONCLUSÃO.....	45
BIBLIOGRAFIA.....	48

INTRODUÇÃO

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existe uma tendência crescente da urbanização no Brasil. Os números do Censo Demográfico 2000 confirmaram que 81,23 % dos brasileiros moram na cidade¹. Além da rápida urbanização², acontece também o fenômeno da metropolização das cidades; cerca de 22% da população urbana se concentra em apenas treze municípios com mais de um milhão de habitantes³. Esse fenômeno da migração para grandes cidades não é um fato isolado do contexto brasileiro. Conforme dados da Organização das Nações Unidas (ONU), estima-se que até 2030, 83 % da população da América Latina será urbana⁴.

A cidade atrai pessoas e oferece muitas oportunidades. Mas tudo tem o seu preço e viver na cidade significa enfrentar a poluição, os congestionamentos no trânsito, a violência e a falta de saneamento e segurança. O que as grandes cidades oferecem em oportunidades acabam por tirar em qualidade de vida. O modelo de Igreja rural já não corresponde às necessidades urbanas, pois os habitantes da cidade criam novos horizontes de pensar e de agir. A teologia e a missão urbana não podem ignorar essa realidade. Precisam encontrar caminhos para uma presença pública satisfatória da Igreja na cidade grande.

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) se faz presente nos grandes centros urbanos através de seu modelo de paróquia e comunidade. Nelas as pessoas se encontram para partilhar experiências e viver a fé. No entanto, o modelo familiar conhecido na realidade rural sofre na cidade muitas transformações, e os membros de confissão luterana estão cada vez mais espalhados pelas periferias e entorno das grandes cidades.

A evangelização que acontecia no convívio familiar já não funciona mais. Enfrentamos um dilema: ou a IECLB descobre uma forma criativa de evangelizar, ou ela não encontrará mais lugar na realidade urbana.

¹INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Tendências demográficas: uma análise dos resultados da sinopse preliminar do censo demográfico 2000*. Departamento de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2001, p.15. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_resultados/sinopse_censo2000.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2009.

²Entende-se urbanização como processo de transição de uma sociedade rural para uma mais urbana, por meio da migração zona rural-cidade. Já a metropolização é o processo em que cidades de uma determinada região estão em via de se tornarem uma metrópole, ou seja, prestes a abrigar mais de um milhão de habitantes em uma região ou apenas em uma cidade.

³IBGE, 2001. p. 23. Do conjunto dos municípios mais populosos, treze apresentaram, em 2000, população superior a um milhão de habitantes e reuniram 36,2 milhões de pessoas que correspondem a 21,36% da população do País.

⁴MARTINE, George. Situação da população mundial 2007. Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA). Nova Iorque: UNFPA. 2007. Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/novo/index.php?option=com_content&view=article&id=11&Itemid=13>. Acesso em: 20 nov. 2009.

Na tentativa de encontrar respostas para esse desafio, o presente estudo opta pelo método que se tornou conhecido na realidade latino-americana (ver, julgar e agir). Busca-se ver a realidade urbana; iluminá-la com a palavra de Deus, com a tradição da Igreja e com os valores da fé. E, por último, busca-se encontrar caminhos de ação construindo uma proposta onde a vida e a fé das pessoas possam encontrar seu lugar e ser partilhadas.

No primeiro capítulo, analisamos a situação complexa das grandes cidades e perguntamos no final de cada parte por perspectivas para a realização da missão urbana nesse contexto.

No segundo capítulo apresentamos o desafio da missão e a importância da casa como local de vivência da fé e da presença do reino de Deus. Identificamos no Novo Testamento o início da igreja primitiva e o seu crescimento que ocorria a partir do ministério desenvolvido nas casas. Apontamos para a contribuição de Martim Lutero na valorização da casa como local de culto e na redescoberta do sacerdócio geral de todos os crentes. E, para finalizar este capítulo, analisamos a dinâmica dos pequenos grupos na atualidade. Não temos a pretensão de elaborar um estudo que abarca todas as questões que envolvem o desenvolvimento histórico dos pequenos grupos caseiros (embora isso fosse o ideal), porém temos algumas pistas que poderão abrir horizontes para a valorização e o resgate da casa como local de encontro e partilha da palavra de Deus.

No terceiro capítulo, apresentamos de forma resumida os principais modelos que estão influenciando as igrejas evangélicas no Brasil, seguidos de uma breve reflexão teológico-pastoral. Esta análise torna-se pertinente, porque tais modelos estão no âmago das grandes mudanças que ocorrem hoje nas igrejas evangélicas em todo o Brasil. Nas principais livrarias evangélicas, encontramos vasta literatura sobre essas diversas propostas de igreja. Também, em quase todas as denominações, do assim chamado “mundo evangélico”, percebemos a influência e a penetração destas propostas, inclusive em muitas comunidades da IECLB.

No quarto capítulo, procuramos elaborar uma proposta de grupos de estudo bíblicos caseiros a ser aplicada na realidade urbana. Antes, porém, é preciso dar conta que importar modelos de outros e seguir estratégias pode até ser eficiente para “encher igrejas”, mas copiar é sempre uma tentativa frustrada que, no máximo, torna a cópia uma versão pobre e mal feita do original. Por isso, precisamos aprender com os outros, mas descobrir e desenvolver o nosso jeito de ser e de fazer missão, especialmente no contexto urbano.

Assim sendo, este trabalho quer ser um ensaio sobre a capilaridade da igreja no contexto urbano. Entendemos que a igreja precisa espalhar-se pelas casas dos bairros de nossas cidades, levando a comunhão assim como o sangue leva a vida até às extremidades do

corpo humano através dos vasos capilares. Estes vasos existem em grande quantidade no nosso corpo e constituem a rede de distribuição e recolhimento do sangue nas células. Também nossas comunidades de confissão luterana necessitam criar redes de articulação, comunicação e interação que afirmam sua presença pública em toda a cidade. Assim, os pequenos grupos caseiros, interligados com a vida de nossas comunidades, podem vir a ser um excelente instrumento de missão e transformação na cidade.

1 A REALIDADE DA CIDADE

Compreender a cidade é um grande desafio para a missão urbana. Para conhecer o rosto da cidade⁵ é preciso inserção e capacidade de ler a realidade. O conhecimento de uma cidade é fundamental para uma ação ou ministério abrangente dentro da mesma.

Ajudam o conhecimento da cidade alguns elementos de sua história, sua geografia e arquitetura. Sua importância regional na política e na economia, bem como sua projeção para o futuro. Além destes elementos, convém analisar sua situação no processo urbanizatório.

O processo de urbanização no Brasil tem origem na industrialização, pois a cidade oferece as oportunidades de emprego que o campo não oferece à população. No entanto, esse processo urbanizatório, cada vez mais acelerado, tem como resultado a grande concentração de renda na mão de uma minoria e a mais trágica pobreza da maioria das pessoas condenadas à marginalidade nas periferias e favelas. Arzemiro Hoffmann, analisando este tema, afirma:

A sociedade brasileira foi palco de um imenso processo de migração do campo para a cidade. [...] Essa migração afetou profundamente as cidades, as instituições e as pessoas. Resultou na desintegração da família; revolucionou as relações de trabalho, pois, da noite para o dia, jogou uma multidão de camponeses no exército de reserva de mão-de-obra não qualificada. Desestabilizou os valores e os padrões dos relacionamentos humanos, sociais e espirituais⁶.

A migração do campo para a periferia urbana trouxe uma mudança radical nos comportamentos e relacionamentos. No campo existia um forte controle social, papéis bem definidos para cada membro da família, conduta ética e participação na comunidade de fé. No meio rural havia uma sociedade organizada, com regras rígidas, por vezes discriminatórias. Quando as pessoas do campo vêm para as cidades, não encontram as mesmas condições que tinham antes e entram na periferia. A desintegração urbana afeta a família, gera a miséria e o sofrimento de milhares de migrantes. Cresce nas grandes cidades a periferia de miséria. Arzemiro assim descreve esse processo:

Enfim, o Processo Urbanizatório brasileiro foi uma experiência de violência institucionalizada. Suas feridas continuam escancaradamente abertas à espera de soluções que ultrapassem as promessas de política eleitoreira vigente no país. A sociedade brasileira, neste particular, não se constitui em ilha na história da construção urbana. A construção das cidades antigas (bíblicas ou não) já apresenta sinais de uma

⁵ Não existe um único rosto da cidade latino-americana. Cada cidade tem seu rosto. A grande cidade é plural, por isso não existe um modelo padrão que se aplique a todas as cidades.

⁶ HOFFMANN, Arzemiro. *A cidade na missão de Deus: o desafio que a cidade representa para a Bíblia e à missão de Deus*. Curitiba: Encontro, 2007. p. 11.

lógica que privilegia os projetos de poder do que os verdadeiros projetos de sociedade.⁷

Refletindo sobre a pastoral urbana, João Batista Libânio analisa algumas características urbanas fundamentais e as chama de "lógicas", pois configuram a cidade como as regras de um jogo. *"Quando se vive numa cidade, seguem-se suas regras, suas lógicas, seus cânones. Se se desvendam tais lógicas, mais facilmente consegue-se viver nela de maneira consciente e livre"*⁸. Segundo ele, as lógicas da cidade definem nosso pensar, sentir, agir e viver na cidade. Ele destaca a cidade moderna onde o espaço cede importância ao interesse. Nela o tempo é acelerado e o lazer uma necessidade crescente. O pluralismo religioso é uma realidade onde a crise da ética ou a mudança rápida e radical dos valores é constante. Também o trabalho e o poder fazem parte deste jogo que é viver na cidade.

1.1 A cidade como desejo e frustração

As cidades têm um grande encanto por causa de sua variedade, seus eventos, suas possibilidades de escolha e uma atmosfera intensa de estimulação que muitas pessoas consideram desejável para suas vidas. A cidade é um campo aberto de possibilidades e relacionamentos. Ela oferece uma enormidade de acessos, afinidades e oportunidades como estudar e conseguir um bom emprego. Nela encontram-se serviços que não existem no campo: escolas, médico, hospital, comércio. Entretanto, existem outros motivos que atraem as pessoas para a cidade. José Comblin, ocupando-se com esse tema, levanta a suspeita de que existem outros fatores, além do processo urbanizatório, para as pessoas trocarem o campo pela cidade. A cidade atrai. Nela as pessoas encontram-se e acontecem coisas que divertem.

A cidade é novidade, diversidade, mobilidade, movimento. Na cidade há uma infinidade de objetos que se mostram. Uma cidade é uma exposição permanente: o comércio, os supermercados, e, sobretudo, os *shopping centers* oferecem brilhantes espetáculos. Mesmo para quem não pode comprar, só olhar já vale a pena!⁹

Migrar para a cidade representa um ato de emancipação do controle social da família, dos costumes e normas que julgam e dominam de forma implacável. A cidade é liberdade; ela representa o sonho de ganhar dinheiro e viver sem precisar prestar contas a ninguém. Por isso, a cidade oferece encanto e fascínio. De modo geral, o ser urbano mostra-se orgulhoso da sua cidade e, mesmo passando dificuldades para nela sobreviver, não a troca pela zona rural.

⁷ HOFFMANN, 2007, p. 11.

⁸ LIBÂNIO, João Batista. *As lógicas da cidade*. O impacto sobre a fé e sob o impacto da fé. São Paulo: Loyola, 2001. p.16.

⁹ COMBLIN, José. *Viver na Cidade*. Pistas para a pastoral urbana. São Paulo: Paulus, 1996. p.9-10.

É possível afirmar que a cidade proporciona opções que nenhum outro arranjo social permite, mas há também um lado negativo. Evaldo Luis Pauly, refletindo sobre a pastoral urbana, afirma que existe uma crise da lógica urbana. Ele analisa a crise da cidade afirmando que esta é a crise dos serviços urbanos; é uma crise formal; é crise de um modo de vida; é crise do Estado; é uma crise de identidade¹⁰. A seguir serão analisadas essas causas divididas em quatro crises principais.

1.1.1 A crise da qualidade dos serviços urbanos

As pessoas, na cidade, dependem dos serviços públicos como água, esgoto, eletricidade, coleta de lixo, acesso à saúde, transporte, educação, lazer e segurança. A urbanização deveria abranger a existência de uma infra-estrutura capaz de colocar ao alcance da população esses serviços públicos essenciais para o bem viver na cidade. Mas o que acontece é que as aglomerações de pessoas, que mudam do campo para a cidade, não encontram condições essenciais para se estabelecer. A grande maioria não encontra emprego nem moradia. Com isto surgem os cinturões de miséria nas periferias das cidades e o crescimento das favelas. Ocorre então um inchamento das cidades e não um processo urbanizatório, pois esse crescimento desordenado traz problemas com o trânsito, violência, poluição, falta de moradia, saúde, educação e outros. A cidade torna-se uma grande contradição onde uns esbanjam, outros mendigam; uns têm direitos e poderes, enquanto outros não os têm.

A urbanização no Brasil foi realizada para a elite burguesa e excluiu das conquistas e melhorias de vida a grande maioria da população das cidades¹¹. Por isso, a grande cidade é desintegradora e conflitiva. Vive-se, por um lado, o anonimato e, por outro, a saudade e o anseio por relações pessoais. Isso gera um intenso sofrimento e tensão decorrentes de uma prática de injustiças institucionalizadas¹².

A missão urbana precisa considerar esta realidade. Precisa ouvir o clamor do povo urbano e encontrar caminhos para a promoção do evangelho que visa a salvação da cidade e não a sua destruição.

¹⁰ PAULY, Evaldo Luis. *Cidadania e pastoral urbana*. São Leopoldo: Sinodal, 1994. p. 35.

¹¹ HOFFMANN, 2007, p. 118-120.

¹² HOFFMANN, 2007, p. 122-125.

1.1.2 A crise da forma e a mentalidade urbana

Existe uma relação entre a forma urbana e sua influência sobre o ser humano. A estrutura formal da cidade, seus prédios, ruas, trânsito e outros influenciam a estrutura mental das pessoas, gerando nelas uma *intensificação dos estímulos nervosos*¹³. A vida urbana, como nós a experimentamos, constitui uma contínua série de encontros com sobrecarga e de adaptações daí resultantes. A sobrecarga deforma a vida diária em diversos níveis, incidindo no desempenho de papéis, na evolução de normas sociais, no funcionamento cognitivo e no uso de recursos.

O ser humano se torna mais objetivo, racional, calculista, superficial nos relacionamentos, vive o anonimato e o caráter transitório das relações sociais urbanas. Georg Simmel assim o justifica: “*Os relacionamentos e afazeres do metropolitano típico são habitualmente tão variados e complexos que, sem a mais estrita pontualidade nos compromissos e serviços, toda a estrutura se romperia e cairia num caos inextrincável*”¹⁴.

Por isso, a pontualidade, a calculabilidade e a exatidão são requisitos da vida urbana que possui um calendário estável e impessoal, onde o “*relógio e o sinal de trânsito simbolizam a base da nossa ordem social*”¹⁵.

Os elementos principais que caracterizam a mentalidade, o espírito e o modo de vida urbano são: autonomia; individualismo; resistência a uniformidade e a intensificação dos estímulos nervosos. A pessoa urbana reage com a cabeça e não com o coração, quer preservar a autonomia e o individualismo em face das esmagadoras forças sociais e culturais da sociedade.

Em meio ao caos urbano, há algo que precisa ser preservado, algo de próprio. A pessoa resiste a ser nivelada e uniformizada por um mecanismo sociotecnológico. A personalidade se acomoda nos ajustamentos às forças externas: tempo, ritmo, divisão social do trabalho, necessidade de especialização. A mente moderna torna-se mais e mais calculista, pois o ser urbano precisa calcular seu salário e suas despesas, senão não sobrevive.

A pessoa urbana, devido a sobrecarga de estímulos nervosos, tem diminuída a sua capacidade de discernir e discriminar. Tudo parece igual, objeto algum merece destaque. Essa atitude de não discernir e de indiferença é a última possibilidade de acomodar-se à vida urbana. A autopreservação é comprada ao preço da desvalorização que leva ao sentimento de

¹³ SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (Org.). *O fenômeno urbano*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p.11-25.

¹⁴ SIMMEL. In: - VELHO, Otávio G., 1987. p. 14.

¹⁵ WIRTH, Louis. *O Urbanismo como um modo de vida*. In: VELHO, Otávio G., 1987. p. 96.

igual inutilidade. Essa atitude mental podemos chamar de reserva ou desconfiança. “[...] *é uma leve aversão, uma estranheza e repulsão mútuas, que redundarão em ódio e luta no momento de um contato mais próximo, ainda que este tenha sido provocado*”¹⁶.

Podemos afirmar então que o ser urbano é desconfiado, frio e desalmado. No entanto, se ele fosse sensível e agisse em função de cada impulso altruísta evocado no desafio urbano, ele teria dificuldade em cuidar de suas próprias necessidades e até mesmo em sobreviver.

1.1.3 A crise da identidade e do modo de vida

O ser urbano é livre, mas é também solitário e perdido. Esse é o preço que ele paga pela sua independência, pois a cidade confere liberdade ao indivíduo que pode esconder-se na multidão e no anonimato, mas também lhe causa fragmentação e isolamento. O modo de vida na cidade faz a maioria das pessoas entrarem em crise porque mercantiliza o desejo. Evaldo Luis Pauly afirma: “*O mundo urbano [...] destrói um modo de vida humano e digno impondo a todas as pessoas a lógica da mercadoria, ou seja, a lógica do objeto produzido*”¹⁷.

A vida na cidade é marcada, por um lado, pelo anonimato, por outro, pela saudade e pelo anseio por relações pessoais. As pessoas que migram para a cidade sofrem o desenraizamento. Por isso, experiências relacionais são determinantes para essas pessoas, pois a religiosidade deixa de ser vivida em comunidade e torna-se uma relação de consumo individual. Isso facilita o afastamento dos fiéis da igreja. As pessoas urbanas que assumem compromissos pessoais com a comunidade religiosa são raras.

Afloram as religiões utilitárias que funcionam no esquema do dom e do contra dom, onde se leva oferendas para Deus para ser abençoado. O sacrifício e o despacho ganharam novos significados através da oferta, pois o dinheiro no mundo neopentecostal vale mais do que qualquer coisa. A crise dos valores e da fé é a primeira vítima desse novo contexto urbano. Por outro lado, isso pode ser uma oportunidade para a missão urbana. A experiência urbana oportuniza que a igreja seja buscada como um local de silêncio e recolhimento onde as pessoas trabalham mais o seu ser interior.

A igreja tem assim o papel de acolher pessoas oferecendo-lhes um espaço relacional e auxiliá-las a ter identidade e pertencimento. Nesta perspectiva a pequena comunidade ou o

¹⁶ SIMMEL, In: VELHO, Otávio G., 1987. p.17.

¹⁷ PAULY, 1994, p. 42.

grupo dentro da grande cidade pode promover vitalidade espiritual. Para isso a missão urbana precisa retomar a experiência da mística cristã e da espiritualidade.

1.1.4 A crise do Estado – organização política

O Estado moderno impõe limites severos à cidadania, à participação política e à democracia, pois se mostra cada vez mais incapaz de administrar o planejamento urbano e administrar a cidade para o bem-estar de todos. José Saramago em sua obra intitulada *Ensaio sobre a cegueira*,¹⁸ traz uma crítica ao Estado, sua inoperância e sua violência. Ele mostra o desmoronar completo da sociedade capitalista pós-moderna que, por causa de uma epidemia de cegueira, perde tudo aquilo que considera como civilização e volta à barbárie. Mostra como o poder do Estado é feroz e capaz de isolar as pessoas de forma brutal.

Diante de um mal, cujas causas são tão misteriosas quanto as da própria loucura, o governo submete as pessoas “infectadas” a uma quarentena, confinando-as, por ironia ou não, em um antigo hospício da cidade. Não existe nenhuma assistência médica ou acompanhamento para os doentes. São confinados como num campo de concentração. Vemos, desta forma, que tudo o que é desconhecido precisa ser afastado ou até eliminado. Os cegos, que se rebelavam e tentavam questionar, chegando perto dos soldados, eram fuzilados. Tal atitude caracteriza, sem dúvida, uma forma de governo autoritária e desigual, um regime totalitário disfarçado de democracia.

Saramago apresenta uma denúncia da perda da essência humana na pós-modernidade em que as pessoas serão cada vez mais alienadas, cada vez mais guiadas pelo princípio do “ter” em detrimento do “ser”, cada vez mais afastadas da verdadeira humanidade. Apesar de ser da natureza humana a busca da felicidade, a única coisa que poderá conquistar é a infelicidade, pois o que impera são as trevas da ignorância, da ganância e do egoísmo.

Percebe-se a intenção do autor em mostrar que a desconstrução era necessária para que desse lugar ao resgate de algo que valia mais do que qualquer conquista aparentemente “civilizada”. A cegueira branca¹⁹ possibilita que se “enxergue” outros valores mais solidários e fraternos, a recuperação da lucidez e o resgate da essência humana. Somente diante do horror, o ser humano é capaz de recuperar sua humanidade e produzir algo nobre.

¹⁸ SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

¹⁹ “Cegueira branca” - assim chamada, pois as pessoas infectadas passam a ver apenas uma superfície branca em vez de total escuridão.

A missão urbana precisa “reparar” o mundo caótico ao seu redor. Perceber que o “mundo civilizado”, “moderno”, “tecnológico”, “democrático” não é capaz de se fazer coerente em seus objetivos, focalizando apenas lucros em detrimento da própria vida, já que a destruição do meio ambiente caminha a passos largos, o que leva inevitavelmente à perda de toda a vida presente em nosso planeta.

A missão urbana precisa ter olhos para ver o poder do sistema econômico que aliena e escraviza o ser humano que, na busca pelo prazer, deixa-se anestesiar por uma sociedade de consumo, ao invés de manter o censo crítico e lutar pela transformação da realidade. O resultado disso é todo um povo incapaz de organizar-se para reagir, questionar, reivindicar seus direitos.

Sabemos que toda essa alta tecnologia do “mundo civilizado” nunca constituiu um bem comum a todos, mas apenas a uns poucos favorecidos, os detentores de maior poder aquisitivo. Por isso, a missão na cidade precisa perceber a realidade que nos cerca: pessoas que vivem no completo abandono, muitas vezes se matando por comida nos lixões das grandes cidades. Milhares de pessoas pelo mundo sem acesso ao saneamento básico, vivendo em meio ao esgoto aberto, expondo-se a todo tipo de infecções e doenças, sem acesso ao mínimo necessário para ter dignidade humana.

Em busca de uma coerência que falta a um mundo cheio de tantas conquistas materiais e avanços tecnológicos, que se tornam repentinamente inúteis, se faz necessário o resgate da solidariedade e da fraternidade.

1.2 O pluralismo religioso

Segundo os dados do IBGE²⁰, podemos afirmar que o Brasil continua sendo fortemente cristão, pois o cenário dominante é o do cristianismo católico. Mas não se pode negar que a identidade católica no Brasil é complexa e plural.

Os processos de dupla filiação religiosa, de trânsito e sincretismo, são comuns no Brasil. Muitos devotos católicos e também evangélicos transitam muito bem na umbanda e no kardecismo, pois os caminhos que levam a Deus não são compreendidos como excludentes, mas envolvem trocas, relacionamentos e ajustamentos. Aquilo que poderia significar para a doutrina oficial das igrejas cristãs um sinal de superstição, heresia ou ignorância, para o

²⁰ JACOB, Cesar Romero *et al.* *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, São Paulo: Loyola, 2003. p. 15-18; 33-34; 39-44; 69-73; 101-103; 115-116.

devoto popular representa um modo de ampliar as possibilidades de proteção. Em geral, podemos afirmar que o budismo, o hinduísmo e o espiritismo permitem essa associação religiosa, pois não levam a rupturas. Por isso, na realidade urbana, muitas “ovelhas” estão pastando em vários pastos diferentes, nenhum pastor tem o controle, pois a fidelidade não é mais uma constante.

Vivemos num mundo de convergências e ressignificações em que a pessoa, que transita entre muitas propostas religiosas, não apaga o seu passado, apenas ressignifica-o. Um exemplo disso é a umbanda que está popularizando o hinduísmo quando diz: “*esse é o teu carma*”. Temos, no Brasil, conflitos estruturantes no campo da religião com uma tradição reencarnacionista e outra ressurreicionista. Elas começam a fazer um processo de confluência. Exemplo disso é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) que se mostra como um fenômeno híbrido, uma espécie de “*umbanda evangélica*”. O mundo moderno está levando a religião para um cripto-budismo em que muitas pessoas afirmam: “*eu me salvo*”.

Nesse sentido, a tese de Colin Campbell em relação ao paradigma religioso que emergiu na modernidade nos ajuda a entender nossa realidade²¹. Ele constata que está acontecendo uma orientalização do ocidente. Esse processo ultrapassa o fenômeno da novidade de consumo daquilo que é produzido do outro lado do mundo. E também ultrapassa o interesse dos cidadãos ocidentais pelas práticas orientais como ioga, acupuntura e outros. Trata-se de uma mudança sintomática do paradigma cultural ou teodiceia: uma troca na matiz cristã da lógica do pensamento ocidental nas concepções subjetivas do “como se entende” o Sagrado e no que constitui sua natureza.

Na teodiceia oriental, o divino é imanente em todas as coisas e é parte do mundo – incluindo a humanidade. Já na teodiceia ocidental, o divino é transcendente, separado do mundo, controlando-o de cima, por ser seu criador. Campbell continua sua argumentação, afirmando que novo paradigma emergente é aquele que tradicionalmente caracterizou o oriente, isto é, o misticismo, já existente também na tradição pagã. Depois de quase vinte séculos de domínio do cristianismo, seu retorno deu-se via oriente. Essa tradição abrange, diante do vazio existencial, desde a tendência à refletividade e à globalização cultural, retomando seu espaço e incorporando-se à cultura ocidental moderna, até retomar suas próprias raízes místicas, o neopaganismo na Europa, os diversos misticismos das tradições indígenas, africana e também nas Américas. Para explicar esse processo de mudança, Campbell recorre a Marx Weber e ao teólogo protestante Ernst Troeltsch, que agregou a

²¹ CAMPBELL, Colin. A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodiceia para um novo milênio. In: *Revista Religião e Sociedade*, vol. 18, número 1. Rio de Janeiro: ISER, 1997. p. 5-22,

tipificação sociológica de Weber o conceito de religião mística. Segundo Troeltsch, há uma “centelha divina” no ser humano e por isso Deus é imanente – o Deus que está dentro.

Na tradição ocidental, Deus vem de fora. Ele é o criador. Na tradição hinduísta, Deus está dentro, por isso não há o dualismo. A salvação consiste em se fundir ao todo que é o divino. Troeltsch considera a religião mística como a mais provável de florescer no mundo moderno por causa do individualismo.

A teodiceia que tem mais aceitação é a de matriz reencarnacionista, pois permite a idéia de continuidade. A noção de religião é deslocada para a ideia de que todos os seres existem numa escala de espiritualidade que leva ao panteísmo. Deus está em tudo e tudo é Deus, e as pessoas estão conectadas a uma energia cósmica do universo. Sendo assim, quando tropeço numa pedra, peço desculpas para ela, pois ela é parte do divino.

A teodiceia oriental estimula a individualização: cada um cuida de si, é responsável por si, não precisa uma filiação. Há uma simbiose de religião e ciência. As pessoas estão ligadas por uma energia “cósmica”, ao mesmo tempo em que, politicamente, vivemos um momento de globalização, onde o que liga as pessoas é o mercado.

Somos profundamente dependentes de símbolos. Os símbolos religiosos formulam uma congruência básica da vida particular com sua visão de mundo, e o meio através do qual isso ocorre é o ritual. Os rituais encerram um domínio especial de ação, que rompe com os parâmetros da vida cotidiana de seus participantes numa mudança de atitude e atenção. Eles transformam aquilo que é comum, corriqueiro em algo que tem sentido para a vida.

O ser humano pode adaptar-se a qualquer coisa que sua imaginação possa comportar, mas não consegue conviver com o caos. Quando se estabelece o caos, a tendência é buscar a reorganização da vida pela analogia mais próxima, visando construir um novo sistema de referências em que os símbolos são visões de mundo e visões de vida. Assim, a religião abre caminhos para uma exploração ativa de novos modos de ser no mundo. A religião é ingrediente poderoso na construção das identidades dos povos. É ela que lhes dá uma aura de mística e de esperança. Quando essas culturas se sentem ameaçadas pela globalização, agarram-se à religião para autoafirmar-se. Daí emergem exclusões e violências contra aqueles que os ameaçam.

Leonardo Boff²² nos ajuda a entender esse fenômeno quando conceitua o fundamentalismo. Este está presente nas religiões, culturas e ideologias, pois o

²² BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. p. 7-53.

fundamentalismo tem várias faces: religiosa, política, econômica e ideológica. Na verdade, enfrentamos em nossos dias uma forte corrente fundamentalista em todas as religiões.

Fundamentalista é a pessoa que afirma seu ponto de vista como o único verdadeiro. Quem diz ser o portador exclusivo da verdade está condenado à intolerância contra outros grupos, portadores de outros pontos de vista. Boff afirma que o fundamentalismo tem uma íntima relação com os conflitos atuais e discute alternativas para a construção de uma sociedade sem guerras. Sugere o caminho do diálogo incansável, baseado na compreensão e no respeito às diferenças e na valorização do outro.

Na obra “O mal-estar da pós-modernidade”, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, argumenta que o ser humano contemporâneo, mesmo diante de tantos avanços científicos e tecnológicos, ainda se acha angustiado²³. Isso acontece, sobretudo, porque corresponde à característica da pós-modernidade uma sociedade marcada pelo capitalismo pós-industrial, consumo exacerbado, movimento constante, efemeridade e fragilidade dos laços afetivos entre as pessoas. Bauman lida com a universalização do medo ou das perdas derivadas da troca da ordem pela busca da liberdade e afirma que “*esse martirizante terror da insuficiência [...] nos deixa suscetíveis a uma mensagem religiosa*”²⁴. No entanto, essa incerteza não gera a procura da religião. “*Ela concebe, em vez disso, a procura sempre crescente em especialistas na identidade*”²⁵.

A pós-modernidade concentrou a atenção na vida no “aqui e agora”. A religião se tornou uma atividade de lazer. O que vale é o prazer e a liberdade composta de escolhas arriscadas, que sempre significam aproveitar algumas oportunidades e perder outras. Enfrentamos um dilema. Como podemos viver a liberdade e ao mesmo tempo viver neste mundo como indivíduos que experimentam a segurança de pertencer a um determinado grupo. Bauman afirma que isso não é possível. Ou escolhemos a liberdade e a insegurança que ela traz, ou o grupo que traz segurança, mas limita o indivíduo. Parece não haver saída.

Entretanto, a conclusão a que se chega é: o ser humano não é auto-suficiente e não pode salvar a si mesmo. Ele precisa ser guiado, dirigido e informado do que fazer. Neste sentido, o fundamentalismo torna-se um remédio radical, pois, ao prometer compensar a incurável insuficiência do indivíduo, ele elimina a liberdade e concede infinitos poderes ao grupo. Justifica-se desta maneira a subordinação das escolhas a normas proclamadas em nome

²³ BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 190-230.

²⁴ BAUMAN, Zygmunt, 1998, p. 211.

²⁵ BAUMAN, Zygmunt, 1998, p. 222.

do grupo. Bauman conclui dizendo que dessa forma o fundamentalismo religioso pode contar com uma clientela sempre crescente.

Outro autor que analisa como as religiões atuam no mercado é José Comblin²⁶. Ele aponta a relação entre religião e *marketing*. Ele expõe em poucas páginas o porquê do sucesso do neopentecostalismo que se adaptou ao mercado. Eles abandonaram os elementos cristãos e se inculturaram no mercado. Adotaram o *marketing* religioso sem escrúpulos, porque já haviam abandonado a mensagem do Evangelho. Não existe mais a ligação com a mensagem e a tradição cristã.

Diante disso, a missão urbana precisa retomar o sentido bíblico da cidade como espaço de realização humana, espaço de comunhão e de vida. A missão de Deus para as pessoas que vivem na cidade vai além das fronteiras denominacionais. A igreja de Deus na cidade é uma só, pois ele vocacionou a cidade para ser um espaço que favorece a misericórdia e o amparo à vida. A comunidade de fé é uma expressão dessa igreja na medida em que alimenta a vivência de uma fé cidadã que promove a paz, e pratica o direito e a justiça na realidade urbana.

²⁶ COMBLIN, José. *Os desafios da cidade no século XXI*. São Paulo: Paulus, 2002. p. 44-50

2 O DESAFIO DA MISSÃO DE DEUS

Inúmeros estudos e pesquisas têm demonstrado, nos últimos anos, o desafio da missão urbana em definir critérios e sinais que permitam discernir o que corresponde de fato à fé e à missão da igreja na realidade urbana. Um dos maiores desafios é reconhecer que a missão é essencialmente de Deus. Existe uma grande dificuldade de compreender *missio Dei* como ação soberana de Deus, que age apesar de nós, mas prefere contar conosco. Como igreja cristã somos chamados a participar da missão de Deus, que ama e deseja salvar este mundo, e não a realizar a nossa missão, tantas vezes limitada por conceitos e preconceitos que nos levam a realizar muitas coisas consideradas importantes, menos a vontade daquele que nos chamou.

Outro equívoco que tem dificultado a missão urbana é a confusão que se faz entre reino de Deus e igreja. Vejamos brevemente aqui a diferença entre estes dois importantes conceitos.

2.1 A missão urbana como manifestação do reino de Deus

O reino de Deus é o centro da pregação de Jesus (Mc 1.14s). É algo presente (O reino está dentre vós), conforme Lc 17.20, mas ainda não em toda a sua plenitude. Esse reino tem a ver com o poder dinâmico de Deus por meio do qual “*os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho*” (Mt 11.5). Quando Deus reinar entre nós, as crianças não morrerão desnutridas, nem se prostituirão; os índios e os agricultores sem-terra não serão assassinados; nem haverá mais discriminação, preconceito, desigualdades, exploração e opressão. Quando Deus reinar, haverá justiça, amor, solidariedade, pão, casa, saúde, emprego e vida digna para todos.

O reino pertence a Deus e, na vida e obra de Jesus, tornou-se uma realidade presente. Por isso, todas as vezes que vivermos o amor ao próximo, a solidariedade e a justiça ensinados por Jesus, estaremos contribuindo para que o reino de Deus se faça presente em nossa sociedade. A parábola da semente de Mc 4.26-29 é um bom exemplo da dinâmica de crescimento do reino de Deus, pois este cresce independente da ação humana. Assim como a terra faz a semente germinar, sem a participação daquele que a semeia, também o reino de Deus tem uma dinâmica própria de crescimento que depende inteiramente de Deus.

Nossa tarefa é colocar sinais deste reino no mundo em que vivemos, ou seja: semear a semente (Mc 4.26). Somos instrumentos de Deus, servos chamados para fazer parte desta missão evangelizadora do próprio Deus que deseja transformar a realidade urbana, restaurando a sua criação e promovendo a dignidade humana, a justiça e a paz na construção de uma sociedade mais equitativa e solidária. Considerando que as grandes cidades são as que mais poluem o ar, a terra e os rios, precisamos levar em conta que o destino e o bem-estar da criação estão entrelaçados com o destino humano. Por isso precisamos resgatar a importância da defesa do nosso meio ambiente, pois toda a criação, a um só tempo, geme, suporta angústias e anseia por redenção (Rm 8.19-23).

2.2 A igreja como instrumento da missão de Deus

A igreja é a comunidade do reino, mas nunca o reino. O reino é o reinado de Deus. A igreja é sinal do reino, é uma sociedade de pessoas, é “*a congregação dos santos na qual o evangelho é pregado de maneira pura e os sacramentos são administrados corretamente*”.²⁷ É o convívio de pessoas chamadas por Deus e unidas pelo mesmo batismo, fé e esperança. Jesus é o seu fundamento (Ef 2.19ss) e o Espírito Santo é quem chama, congrega, ilumina e santifica os cristãos no mundo.²⁸ Por isso, a igreja depende do Espírito Santo para sua própria existência.

A igreja é chamada a ser instrumento a serviço do reino de Deus. Seu propósito é refletir e viver os valores do reino, aqui e agora. Ela tem a tarefa de anunciar a boa-nova da salvação por graça, mediante a fé; promover a comunhão e concretizar o amor. Faz isso, colocando-se a serviço da preservação de toda a criação e do bem-estar de todas as pessoas, denunciando as injustiças e tudo aquilo que se opõe à vida plena.

A igreja é, por definição, missionária, pois surgiu e existe para ser usada por Deus em sua missão. Ela cumpre a ordem de Jesus: “*Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado...*” (Mt 28.19s). No entanto, a missão não pertence à igreja e sim a igreja pertence à missão de Deus.

A missão é de Deus, é a ação incondicional de Deus para a salvação de toda a criação. O centro da missão é Jesus Cristo e o objetivo é incorporar no reino de Deus a humanidade e

²⁷ A CONFISSÃO DE AUGSBURGO: 1530 -1980. São Leopoldo: Sinodal, 1980. p.20.

²⁸ LUTERO, Martinho. *Os Catecismos*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1983. p.371

compartilhar com ela as dádivas do reino, que são a justiça, a paz, o amor. Sendo assim, não podemos realizar a nossa missão particular, mas apenas participar na missão de Deus que quer alcançar todos os povos, também os habitantes das grandes cidades.

2.3 A importância da casa na missão de Deus

A realidade urbana, especialmente das grandes cidades, apresenta o desafio para a missão de resgatar a importância da casa como local de vivência do reino de Deus. Este estudo pretende analisar a importância da casa para quem mora na cidade. Também pesquisar a casa como espaço de vivência da fé tanto no Novo Testamento, bem como na Reforma Luterana. E, finalmente, investigar sobre a importância dos grupos caseiros para a missão na cidade.

2.3.1 A casa como chave hermenêutica da cidade

A casa exerce uma importância muito grande na vida de quem mora na cidade. Ela não é apenas o lugar para morar, ela é o lar, o lugar de refúgio, descanso e convívio com a família. Nas grandes cidades, existem os condomínios fechados, bem arborizados e com casas pensadas para serem bem habitadas. Ali se vive com alegria e satisfação. Estas habitações são um bem de consumo que responde a imperativos funcionais, mas também são um bem cultural possuindo uma boa arquitetura residencial e amplo espaço que traz segurança, conforto e prazer em morar bem. Percebe-se isso nas inúmeras propagandas e anúncios de vendas de novos condomínios.²⁹

De outro lado, existem as “caixas sobrepostas” onde vivem os habitantes da classe média nas grandes cidades. Os edifícios e os apartamentos onde famílias se apertam dentro de espaços reduzidos. Há também os barracos nos loteamentos irregulares e as favelas nas periferias das grandes cidades. Ali falta qualidade de vida e sobra miséria, violência e insalubridade. Constata-se assim o grande paradoxo da cidade. Uns residem em mansões e outros se recolhem em favelas ou dormem na rua embaixo de marquises, pontes e viadutos. Mesmo assim, o ser urbano sonha com a casa própria, mesmo que seja a mais humilde das moradias, pois *“ter um barraco próprio, independente do mundo do trabalho, constitui fonte de orgulho e de autonomia. Afaga o senso de propriedade tão arraigado nas pessoas”*³⁰

²⁹ Confira os encartes e anúncios de venda de apartamentos e condomínios nos jornais. Exemplo: Jornal Zero Hora, Porto Alegre, 20 de jan. 2010 ; 21 de jan. 2010.

³⁰ LIBÂNIO, João Batista. *As lógicas da cidade*. São Paulo: Loyola, 2001, p.33.

Percebe-se, então, que independente do modelo ou da realidade da casa, seja ela uma mansão ou um simples barraco na favela, ela é referência, pois expressa algo fundamental do ser humano.

Saber interpretar essa realidade é fundamental para a missão urbana, pois a casa torna-se a chave de interpretação da cidade. Ela indica a situação social do seu morador, criando estigma ou conferindo *status*, pois quem mora na favela é tratado de modo diferente de quem mora em bairros nobres da cidade. A partir da moradia se tem inúmeras pistas para pensar a missão urbana.

A missão urbana não pode estar centralizada exclusivamente no templo, nem ficar esperando que as pessoas venham até ele. Precisa ir às casas das pessoas. A missão precisa ter capilaridade, se espalhar e alcançar familiares, vizinhos e amigos daqueles que abraçam a fé cristã.

Ao redor da casa de cada membro da igreja há dezenas de famílias fechadas nas suas fortalezas que não receberiam um estranho e nem aceitariam o convite para ir até ao templo participar de um culto nos moldes tradicionais que realizamos. Contudo, poderiam ser alcançadas através de um convite para participar de um pequeno grupo doméstico que se reúne para compartilhar a Palavra de Deus, relacionando-a com fatos concretos da vida diária das pessoas.

Um modelo baseado em pequenos grupos que se reúnem nos lares pode ser de grande contribuição para a edificação de comunidades e para a missão da igreja na cidade.

2.3.2 A casa no NT como expressão do reino de Deus.

Lendo o Novo Testamento (NT), percebe-se que a casa era o local de reunião da maioria dos primeiros cristãos. Havia as sinagogas, mas a reunião em casas privadas parece ser uma prática comum, pois em várias passagens podemos ver referências a comunidades domésticas (At 12.12; 16.40; 20.7-12; 20.20; Rm 16.3-5; 14,15,23). Elas eram a célula básica do movimento iniciado por Jesus que cresceu e se espalhou pelo mundo. Marga Ströher, abordando este tema, afirma: “*o culto doméstico não foi uma inovação das primeiras comunidades cristãs. Ele tinha paralelo no mundo adjacente*”³¹. Mas o modelo cristão foi inovador. Ele não se restringiu ao tipo de igreja doméstica sinagoga, nem se caracterizou como escola filosófica. Seguindo o ensinamento de Jesus, a partir do discipulado de iguais, as

³¹ STRÖHER, Marga. *A Igreja na Casa dela*. Ensaios e Monografias nº 12, São Leopoldo: IEPG, 1996, p.17.

mulheres participavam de igual para igual com seus companheiros da organização e direção das primeiras comunidades e do trabalho missionário.

Nos relatos dos evangelhos percebe-se que boa parte do ministério de Jesus foi realizado ao ar livre ou até mesmo na sinagoga, mas uma grande parte de seu trabalho aconteceu nos lares e com pequenos grupos de pessoas. Ele pregava para as multidões, mas investia num pequeno grupo de discípulos. Jesus visitava as pessoas e hospedava-se em suas casas (Mt 8.14s; 9.23; Mc 2.1ss; Lc 7.36; 10.38; 14.1-6). Neste convívio ele ensinava, curava, fazia milagres e trazia libertação para os oprimidos.

O ambiente do lar era tão importante que Jesus enviou seus discípulos para a missão dando, tanto aos doze (cf. Mt 10.5-15), como aos setenta (cf. Lc 10.1-12) instruções para se hospedar nas casas das pessoas e ali anunciar que o reino de Deus está próximo.

No livro de Atos dos Apóstolos podemos perceber que as casas eram centros estratégicos na vida da igreja primitiva. Ela nasceu numa casa (At 2.1ss), reunia-se regularmente de casa em casa (At 2.46-47); pregava e ensinava de casa em casa (At 5.42). Ao lado do templo, que é a “casa” da grande comunidade, os lares eram parte fundamental da vida e do crescimento da igreja como a casa de Cornélio que abriu a porta aos gentios (At 10). Eram centros de expressão e extensão do reino de Deus. A casa era o local de reunião da maioria dos grupos cristãos primitivos (At 12.12; 16.40; 20.7-12; 20.20; Rm 16.3-5; 14,15,23).

Também no ministério do apóstolo Paulo se constata a importância das casas como local de encontro e de culto. Repetidas vezes, no final de suas cartas, ele envia uma saudação à igreja que se reúne em uma ou outra casa (Rm 16.5-3-16; 1Co 16.19-24; Cl 4.16). Percebe-se então que no início do cristianismo surgiram várias igrejas domésticas. Havia uma igreja na casa de Áquila e Priscila (1Co 16.19), outra na casa de Níffa (Cl 4.15), outra na casa de Gaio (Rm 16.23) e ainda outra na casa de Filemom (Fm 1.2). Podemos ver que as casas eram muito mais do que o abrigo e o endereço de cada família da igreja; elas sediavam as comunidades cristãs que suportavam em amor uns aos outros como a todo o trabalho desenvolvido pela igreja. Essas reuniões não eram meros encontros amigáveis, mas sim, uma estratégia eficiente para a pregação do Evangelho e pastoreio mútuo.

Vincent Branick,³² em seu estudo sobre esse tema, expõe claramente como as igrejas domésticas transformaram-se em igreja institucionalizada, mostrando o caminho que as levou às basílicas. O autor também aborda as questões de evolução teológica que embasaram essa

³² BRANICK, Vincent. *A igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994.

transformação e registra que “*numa reunião ocorrida em algum período entre os anos 360 e 370 d.C., um sínodo de Laodiceia proibiu a realização da eucaristia nos lares*”.³³ Branick observa:

A proibição de Laodiceia completa o ciclo crítico. A ceia do Senhor mudara-se de uma refeição noturna para um ritual estilizado. A assembléia mudara-se da sala de jantar para um salão sagrado. A liderança, dos membros da família para um clero especial. Agora, a forma original da igreja fora declarada ilegal.³⁴

A consequência natural desse processo foi a centralidade cada vez maior do culto no templo e o esvaziamento do modelo primitivo dos pequenos grupos nas casas. Entretanto, percebe-se na literatura estudada que faz parte do testemunho cristão, desde a sua origem, a hospitalidade e que a igreja primitiva, que se reunia nos lares, cresceu e se expandiu pelo mundo greco-romano a partir das casas que acolhiam e apoiavam os pregadores itinerantes. Missionários ambulantes e igrejas nas casas foram centrais para o desenvolvimento do movimento cristão primitivo, que dependia de mobilidade e estrutura local para consolidar um grupo. Para isso dependiam da hospitalidade e do apoio das igrejas domésticas.³⁵

Assim, podemos concluir que o desenvolvimento do movimento cristão primitivo foi favorecido basicamente pelo modelo de igreja doméstica e o trabalho de missionários itinerantes.

2.3.3 A casa para Lutero e o sacerdócio geral de todos os crentes

Em seu escrito de 1526, traduzido como “*Missa e ordem do culto alemão*”, Lutero apresenta três formas de missa para o povo alemão³⁶. A primeira forma é a latina, publicada anteriormente com o título: *Formula Missae*. A segunda é a *Missa e Ordem de Culto Alemão* que tinha em vista os leigos simples: “*Pois aqui ainda não há uma comunidade ordenada e organizada, em que se pudesse usar o evangelho para dirigir os cristãos; ao contrário, deve ser usado publicamente para provocar a fé e o cristianismo*”³⁷. Já a terceira forma destina-se para o culto doméstico. Veja-se o que ele afirma:

A terceira forma deveria ser uma ordem verdadeiramente evangélica, e não deveria ser realizada em lugar tão público para todo tipo de povo. Mas os que querem ser cristãos com seriedade e que confessam o evangelho com mãos e boca deveriam assinar o seu nome e reunir-se entre si, em alguma casa, para orar, ler, batizar, receber o sacramento e fazer outras obras cristãs. De acordo com essa ordem se poderia conhecer,

³³ BRANICK, 1994, p.134.

³⁴ BRANICK, 1994, p.135.

³⁵ FIORENZA, Elisabeth S. *As origens cristãs a partir da mulher*. São Paulo: Paulinas, 1992, p.200-201.

³⁶ LUTERO, M. *Pelo Evangelho de Cristo: obras selecionadas de momentos decisivos da Reforma*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1984, p. 217 – 231.

³⁷ LUTERO, 1984, p. 220.

repreender, corrigir, afastar ou excomungar de acordo com a regra de Cristo em Mateus 18.15-17 os que vivessem uma vida cristã. Aí também se poderia solicitar aos cristãos contribuições gerais que então fossem dadas e distribuídas de boa vontade aos pobres segundo o exemplo de S. Paulo em 2 Coríntios 9. Não haveria necessidade de muito canto elaborado. Poderia estabelecer-se uma forma simples e boa para o batismo e o sacramento e centralizar tudo na palavra, na oração e no amor. Aí se precisaria de um bom e breve catecismo sobre o credo, os dez mandamentos e o pai-nosso. Em resumo, se se tivesse o tipo de gente e pessoas que desejassem seriamente ser cristãos, as regras e as formas estariam prontas sem demora. Mas ainda não posso nem desejo atualmente organizar ou formar uma tal congregação ou reunião. Pois ainda não tenho gente e pessoas para isso, nem vejo muitos que estão inclinados para isso. Mas se eu tiver de fazê-lo e for solicitado e não puder de sã consciência deixar de fazê-lo, de bom grado contribuirei com a minha parte e ajudarei com o melhor que puder.³⁸

Percebe-se que Lutero permite ao culto doméstico tudo o que acontece no culto realizado no templo, como orar, adorar, realizar ofertas, batizar e celebrar a Santa Ceia. Entretanto, ele não levou adiante essa ideia por entender que não tinha pessoas preparadas e inclinadas para isso.

No entanto, a grande contribuição de Lutero para a missão urbana foi a doutrina do sacerdócio geral de todos os crentes. Em seu escrito de 1520, traduzido como “*À nobreza Cristã da nação alemã, acerca do melhoramento do estado cristão*”³⁹, ele convocava as autoridades civis cristãs a assumirem, como batizados conscientes, a reforma da igreja, uma vez que a hierarquia eclesiástica mantinha-se omissa. Em nome do evangelho, Lutero afirmava a igualdade de todos os cristãos diante de Deus; a liberdade da Palavra de Deus testemunhada na Bíblia; e a corresponsabilidade de todos pela igreja, negando o privilégio da classe dos clérigos e do papado.

O ponto central dessa doutrina é a ideia de que não existe mediação humana entre Deus e o cristão, exceto o próprio Cristo e sua Palavra. Nega-se a existência de uma instância de tutela da fé e retira-se da hierarquia eclesiástica o monopólio da interpretação da Escritura.⁴⁰

Lutero baseava-se em 1Pedro 2.2-10 e ensinava que cabia aos cristãos e às cristãs praticar o sacerdócio geral de todos os crentes, divulgando o evangelho lá onde estavam, seja no trabalho, na vizinhança ou até mesmo na família. Pois, todos os batizados são chamados a participar do ministério da Igreja que é o de testemunhar o Evangelho de Jesus Cristo. Todo cristão é um sacerdote vocacionado para servir a Deus na sua profissão⁴¹.

³⁸ LUTERO, 1984, p. 220-221.

³⁹ LUTERO, 1984, pg. 75-142

⁴⁰ HOCH, Lothar. O ministério dos leigos: genealogia de um atrofiamiento. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano30, n.3, 1990. p. 261.

⁴¹ As palavras, vocação e profissão têm a mesma origem no vernáculo alemão: *Beruf*. O Sacerdócio Geral de todos os crentes se realiza no dia a dia quando o cristão serve a Deus na sua profissão. Lutero dizia: “*minha profissão é minha vocação*”.

Na Reforma também se fala de ministérios específicos para que a igreja possa desempenhar seu ministério⁴². Mas a ordenação do ministro o incumbe de servir numa função específica e não lhe confere *status* acima dos outros. Todos estão na mesma posição diante de Deus e são chamados para participar da missão de Deus a partir da vivência da fé na sua profissão⁴³.

Lutero não chegou a elaborar uma teologia específica da missão, pois toda a sua teologia é missionária.

Lutero não conhece um ministério missionário específico. Para ele, a missão é incumbência tanto dos ministros ordenados como do sacerdócio geral de todos os batizados. Onde a situação o exige, cabe a todos os cristãos e todas as cristãs serem missionários e missionárias. "Todos os cristãos são sacerdotes por igual", nas palavras de Lutero. Seus "ofícios" são: "ensinar, pregar e anunciar a Palavra de Deus, batizar e consagrar ou ministrar a Eucaristia [Santa Ceia], ligar e absolver [dos pecados], orar por outros, sacrificar e julgar todas as doutrinas e espíritos". O supremo entre esses "ofícios" é "o ministério da Palavra", "comum a todos os cristãos", onde e quando a situação o exigir. Lutero deu essa orientação a comunidades num contexto cristão para situações em que os ministros ordenados distorcem o Evangelho.⁴⁴

Conclui-se que Lutero traz uma preciosa contribuição para a missão urbana, pois o papel desempenhado pelos sacerdotes não-ordenados é a chave para a missão na cidade. Especialmente na busca pela capilaridade da igreja no contexto urbano. A missão urbana não pode depender exclusivamente do ministério ordenado. Precisa contar com o sacerdócio geral de todos os crentes.

2.3.4 A casa e a dinâmica dos pequenos grupos na atualidade

Ao longo da história, a casa sempre foi local importante de encontros e celebrações. Desde os primeiros séculos do cristianismo, ela serviu a grupos que ficaram à margem da igreja e foram considerados heréticos e cismáticos. Mas também serviu a movimentos de renovação que permaneceram dentro da estrutura eclesial como pequenos grupos de estudo bíblico. No contexto luterano reformado foi o movimento pietista liderado por Philipp Jakob Spener que resgatou essa dinâmica através dos grupos caseiros chamados de *Collegia Pietatis*.⁴⁵ Também John Wesley experimentou, no despertar do movimento metodista, a

⁴²VOLKMANN, Martin. Edificação de Comunidade a partir do Ministério Compartilhado. *Estudos Teológicos*, ano.37, n. 2, p. 154-170, 1997.

⁴³ VOLKMANN, Martin. Teologia Prática e o ministério da Igreja In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.) *Teologia Prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo : Sinodal : ASTE, 1998. p. 90.

⁴⁴ FISCHER, Joachim. Reforma Luterana e Missão. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 41, n. 3, p. 5-21, 2001.

⁴⁵ *Collegia pietatis* é uma expressão latina que descreve os grupos que surgiram na igreja reformada alemã, destinados a promover a leitura da Bíblia e a comunhão. Quem inciou estes grupos foi o teólogo alemão Philipp Jakob Spener, com o intuito de continuar a Reforma Protestante. Confira: SPENER, Philipp Jakob. *Pia Desideria*. São Bernardo do Campo, SP: Imprensa Metodista, 1985.

força dos pequenos grupos de estudo bíblico que mantiveram acesa a chama da comunhão⁴⁶.

No Brasil, a maior e mais profunda experiência são as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), incentivadas pelo Concílio Vaticano II (1962 – 1965), e que surgiram nos anos 70 e se espalharam por toda a América Latina. Atualmente este movimento se encontra enfraquecido.⁴⁷

São comunidades ligadas à Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), que se reúnem em pequenos grupos, geralmente em função da proximidade geográfica. São compostas principalmente por membros das classes populares, moradores de um mesmo bairro e estão vinculadas a uma paróquia e organizadas por leigos, padres e bispos. O objetivo dos encontros é a leitura bíblica em articulação com a vida. Através do método *ver-julgar-agir*, buscam olhar a realidade em que vivem, julgá-la com os olhos da fé e buscar caminhos de ação impulsionados por este mesmo juízo à luz da fé⁴⁸.

A partir da reflexão sobre os problemas da família, do trabalho e do bairro, as CEBs ajudaram a criar movimentos sociais para organizar a luta por melhores condições de vida na cidade. Surgiram as associações de moradores, os clubes de mães, a inserção no movimento operário e outras iniciativas que fortaleceram o movimento social.⁴⁹ Isso representou um resgate significativo no exercício do sacerdócio geral de todos os crentes, pois oportunizou a vivência da fé no dia a dia onde cada cristão é um sacerdote na sua profissão.

Por suas características ecumênicas, o movimento extrapolou os limites da Igreja Católica, e as comunidades passaram a contar com representantes também de outras igrejas como Metodista, Luterana e Presbiteriana. Assim, esse modelo pode ser uma importante estratégia da missão urbana, pois traz a importância do respeito ao outro, do diálogo e da caminhada ecumênica na construção de relacionamentos marcados pelo amor, solidariedade, justiça e paz.

As CEBs são uma tentativa de responder à fragilidade dos vínculos familiares e de relacionamentos com vizinhos e amigos. Elas combatem o individualismo e resgatam uma tradição bíblica da importância dos grupos pequenos como espaço de comunhão e articulação da vida.

Nas grandes cidades faz-se cada vez mais necessário investir em propostas que promovam a comunhão, a solidariedade, a justiça e a vida. Por isso, a missão urbana não pode

⁴⁶ Wolfgang Simson desenvolve melhor a contribuição de Philip Jakob Spener e John Wesley na história dos pequenos grupos. Conferir em *Casas que transformam o mundo*, p.86-90.

⁴⁷ Este tema merece um estudo mais profundo e documentado que não temos condições de realizar no momento.

⁴⁸ BETTO, Frei: *O que é Comunidade Eclesial de Base*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

⁴⁹ BETTO, 1981.

estar centralizada exclusivamente no templo. Precisa ir às casas das pessoas. A missão precisa ter capilaridade, espalhar-se.

A missão urbana traz o desafio da descentralização dos programas e a criação de pequenos grupos que possam oportunizar diálogo, troca de experiências e comunhão. A centralidade dos programas no templo e a dificuldade de acesso às casas, que são cada vez menores e abrigam famílias pequenas, atrofiam a capacidade missionária da igreja e limitam sua presença e ação na cidade.

3 A DIVERSIDADE DE PROPOSTAS MISSIONÁRIAS NA REALIDADE URBANA

Na realidade urbana brasileira existe uma diversidade de propostas missionárias em franco desenvolvimento. Muitas das comunidades de confissão luterana são influenciadas por estas propostas. A missão urbana não pode desconsiderar esta realidade. Precisa analisar o cenário urbano brasileiro com sua diversidade de propostas missionárias, avaliar tais propostas e buscar respostas satisfatórias para uma atuação pública e ecumênica na cidade. Apresentaremos a seguir os principais modelos que estão influenciando as igrejas evangélicas no Brasil. Não se trata de um estudo amplo, mas de indicações dos elementos mais importantes destes modelos, com uma breve avaliação teológico-pastoral.

3.1 Alguns modelos que estão influenciando as igrejas evangélicas no Brasil

Existem diversos modelos de igrejas domésticas e grupos familiares. Alguns são sectários e apresentam uma proposta de casas que são igreja, colocando-se contra o culto no templo. Já outros apresentam uma proposta de continuidade entre o culto dominical no templo e os encontros semanais domésticos. São as igrejas nas casas.

3.1.1 Igreja nos lares

O pesquisador e escritor alemão Wolfgang Simson, em sua Obra *Casas que transformam o mundo* descreve a visão de igreja nos lares que milhares de cristãos ao redor do globo começaram a experimentar (China, Vietnã, Índia, Egito, Indonésia, Bangladesh, EUA e Brasil). Trata-se de uma volta ao modelo dos primeiros cristãos que viviam o cristianismo em suas próprias casas como um estilo de vida e não como uma sucessão de eventos religiosos. Simson defende a idéia da “Reforma das Estruturas”. Em contraposição ao modelo da igreja tradicional, ele afirma: “*De um máximo de organização com um mínimo de organismo é preciso passar novamente para um mínimo de organização com um máximo de organismo*”⁵⁰. Para isso a igreja precisa encolher antes que possa crescer, pois a maioria das igrejas cristãs é grande demais para proporcionar espaço para a comunhão. Nos pequenos grupos caseiros encontramos novamente o espaço para compartilhar a vida.

⁵⁰ SIMSON, Wolfgang. *Casas que Transformam o Mundo*. Igreja nos lares Curitiba: Esperança, 2001. p. 13. Outros autores que trabalham esse tema: Robert Fitts e Frank Viola. Cf.: < <http://www.igrejanoslares.com.br> >.

Igrejas nos lares são igrejas aptas a exercer todas as funções e ofícios e estão alicerçadas no que o autor chama de “Ministério Quintuplo” (apóstolos, profetas, pastores, evangelistas e mestres, conforme Efésios 4.11-13). Trata-se da substituição dos sacerdotes ordenados pelo sacerdócio geral de todos os que creem. Pessoas simples, chamadas por Deus, fazem uso dos dons e vivem a fé no dia-a-dia transformando a idéia do “vinde” até nós para o “ide” da igreja até as pessoas. Simson também descreve quatro elementos básicos das igrejas nos lares. São eles: 1º - Refeições conjuntas, pois os cristãos se encontram para comer e a igreja no lar é uma comunhão de mesa; 2º - Ensino dinâmico, participativo e cinético, baseado na cultura hebraica onde o pai tinha a tarefa de ensinar e ajudar “os filhos” a tornarem-se praticantes da palavra; 3º - Partilha dos bens materiais e espirituais e 4º - Oração comunitária com confissão mútua de pecados⁵¹.

Esse modelo responde muito bem aos desafios da realidade urbana onde o ser humano necessita pertencer a um grupo e nele se relacionar com outros e viver a sua fé. Além disso, pode ser facilmente implantado, pois não precisa de uma fortuna em dinheiro, dispensa retórica religiosa e não necessita de heróis carismáticos. Igrejas nos lares possuem um potencial de crescimento muito grande através de uma multiplicação constante e rápida. No entanto, a aplicação desta proposta implicaria na eliminação do modelo de igreja que conhecemos na IECLB, e que tem sido ao longo de tantas décadas instrumento de Deus para a missão em solo brasileiro.

3.1.2 Igreja em células

Surgiu na década de 70, na Coréia do Sul, com o pastor Paul Yonggi Choo que implantou uma estratégia de evangelismo e de reuniões nas casas dos membros, o que fez com que a igreja crescesse bastante⁵². A partir dos anos 90, esse modelo tem se multiplicado no mundo inteiro através de Ralph Neighbour Jr., que elaborou juntamente com diversos obreiros e igrejas as bases atuais da Igreja em Células⁵³.

⁵¹ SIMSON, 2001, p. 97-104.

⁵² COMISKEY, Joel. *Crescimento Explosivo da Igreja em Células*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 1997. p. 24-25.

⁵³ Ralph W. Neighbour, Jr. é autor de muitos livros e cursos de treinamento relacionados com o movimento igreja em células. Ele introduziu o “Ano da Transição” (É um treinamento em quatro módulos oferecido pelo Ministério Igreja em Células para igrejas que desejam implantar esse modelo) a mais de 1.000 igrejas na África do Sul. Pastores de muitas nações, inclusive do Brasil, já usaram esse treinamento. No Brasil, um dos grandes divulgadores desse trabalho é o Pastor Robert M. Lay, da Igreja Irmãos Menonitas de Curitiba (PR) onde fica a sede do *Ministério Igreja em Células*. Mais informações em: <<http://www.celulas.com.br>>.

De acordo com Neighbour, célula é um pequeno grupo de sete a quinze pessoas que tem como característica o fato de se reunir uma vez por semana num rodízio constante entre as casas dos membros. Tem como meta praticar o evangelismo e o discipulado, e multiplicar-se regularmente a fim de continuar atingindo o seu objetivo ⁵⁴.

O nome célula é usado em virtude de seu crescimento ser similar ao das células de um corpo humano. A idéia é simples: assim como uma criança cresce pela multiplicação constante das células de seu corpo, a igreja também deve ter crescimento pela multiplicação rápida de suas células que são os pequenos grupos. Neste modelo de igreja, cada célula conta com cinco sistemas que ajudam a cumprir o seu propósito, são eles:⁵⁵

1. Sistema de vida que garante a comunhão e a edificação dos membros da célula.
2. Treinamento de cada membro da célula de forma prática.
3. Sistema de prestação de contas que promove a responsabilidade, o compromisso e a possibilidade de detectar problemas ainda em fase inicial.
4. Em cada célula líderes são formados com vistas à multiplicação, pois o potencial da evangelização está na quantidade de células espalhadas pela cidade.
5. Evangelismo na prática por meio de ferramentas acessíveis e que todos dão conta de usar.

A igreja em células tem como lema: *"Cada casa uma igreja, cada membro um ministro, vivendo em Cristo de casa em casa e na grande congregação"*.⁵⁶ Enfatiza bastante o sacerdócio universal de todos os crentes, afirmando que a estrutura de pequenos grupos possibilitaria que cada crente pudesse exercitar seus dons.

Analisando este modelo de reuniões em pequenos grupos, pode-se afirmar que cada célula funciona como uma igreja local, inclusive com a celebração dos sacramentos. Portanto, a proposta desta visão é que todos, indistintamente, reúnam-se em células. Cada célula é uma igreja, uma pequena comunidade cristã. Avalia-se que este modelo de igreja é mais do que uma simples reunião semanal, é um estilo de vida. Por isso, não existe o imperativo de manter outros programas, pois as necessidades fundamentais de cada membro são providas dentro da célula que se torna para ele a sua igreja. Sendo assim, esse modelo se torna incompatível com a estrutura eclesial tradicional que praticamos na IECLB. Quem quiser

⁵⁴ NEIGHBOUR JR. Ralph. *Manual do Líder de Célula*. Fundamentação espiritual e prática para líderes de células. Curitiba: Ministério Igrejas em Células. 2001.p.13.

⁵⁵ LAY, Robert Michael. *Apostila Células... o que é isso? Visão e Estrutura do Sistema*. Ministério Igreja em Células: Curitiba. [s.d]. p.18.

⁵⁶ LAY, Robert Michael. [s.d]. p.1.

seguir esse modelo terá que realizar uma mudança radical na estrutura e vida de sua igreja. Vejamos o que diz Neighbour:

Já cheguei a uma conclusão: não se pode guardar vinho novo em odres velhos! Espero que você entenda isso e não procure misturar este óleo com a água morna das estruturas eclesiais tradicionais. Não escrevi este manual a fim de transformar estruturas eclesiais já existentes. Escrevi-o, isto sim, para aquelas milhares de comunidades cristãs que finalmente chegaram à seguinte conclusão: Fora com a vida tradicional de igreja! Não queremos transformar nada; queremos ser novas, assim como era nova a igreja do século I.⁵⁷

Percebe-se que Neighbour apresenta a Igreja em Células como uma revivescência da comunidade primitiva de Atos dos Apóstolos. Ele critica a igreja organizada e transmite uma imagem de impossibilidade de adaptação do seu modelo de igreja em células à realidade das igrejas tradicionais. Seus escritos têm influenciado grande parte da liderança evangélica brasileira que reproduz esta visão.

3.1.3 Rede ministerial

Modelo de igreja desenvolvido pelos líderes norte-americanos Bruce L. Bugbee, fundador e presidente da Network Ministries International (Califórnia, EUA) e Bill Hybels, pastor e fundador da Willow Creek Community Church (Chicago, EUA). Tem como alvo auxiliar os cristãos a serem frutíferos e realizados no serviço a Cristo. Os ministérios são a base principal da igreja e os pequenos grupos são para apoio e mutualidade. Cada pessoa é encorajada a descobrir seus dons e usá-los no corpo de Cristo. A rede ministerial tem como lema: *"A pessoa certa no lugar certo pelas razões certas"*⁵⁸. Para isso possui oito passos:

1. Estabelecer relacionamentos íntegros.
2. Verbalizar a fé.
3. Promover encontros facilitadores.
4. Agregar-se à grande congregação.
5. Fazer parte de um grupo pequeno.
6. Buscar aperfeiçoamento prático.
7. Servir num ministério significativo.
8. Ser um bom mordomo de Cristo.

⁵⁷ NEIGHBOUR JR, 2001, p.8.

⁵⁸ BUGBEE, Bruce L. e HYBELS, Bill. *Rede Ministerial: pessoas certas, nos lugares certos, pelas razões certas*. São Paulo: Vida.1996. p.21.

A *Willow Creek Community Church* de Bill Hybels é considerada a segunda maior igreja protestante na América do Norte e é tida como modelo de crescimento de igreja.⁵⁹

Essa proposta de igreja parece muito interessante, na medida em que se orienta pelo exercício dos dons espirituais no serviço do corpo de Cristo. A rede ministerial ajuda o membro da igreja a servir de acordo com o seu dom, para que possa servir com mais entusiasmo, de modo mais competente e com maior liberdade. Como resultado, percebe-se que: aqueles que são bons no ensino ensinam; aqueles com os dons de administração organizam e desenvolvem as estratégias para os ministérios; os líderes lideram de maneira eficaz; os auxiliares auxiliam; os contribuintes contribuem de forma mais generosa; os misericordiosos confortam. A rede ministerial transforma a igreja num corpo com mais entusiasmo, com maior compromisso, cujos membros servem uns aos outros em amor. Entretanto, corre o risco de gerar uma estrutura verticalizada, criando distinção entre os “melhores” dons e a sensação nas pessoas de sentir-se excluídas por não possuir tais dons. A igreja que se envolver com este modelo deverá, necessariamente, estar disposta a flexibilizar sua estrutura de ministérios e seu quadro de líderes e voluntários.

3.1.4 Igreja com propósito

Modelo criado pelo pastor Rich Warren, fundador da Saddle Back Church na Califórnia, EUA, e uma das maiores e mais conhecidas igrejas do mundo. Warren, que em 1980 começou com uma família em sua sala de estar, hoje conta com cerca de 10 mil pessoas aos finais de semana⁶⁰. Segundo ele, para uma igreja ser saudável, deve ser impulsionada por propósitos e edificada sobre cinco dimensões de crescimento que estão presentes no modelo da igreja de Atos 2.42-47. Ele afirma: *“Toda igreja deve crescer mais calorosa por meio do companheirismo, mais profunda por meio do discipulado, mais forte por meio da adoração, mais abrangente por meio do ministério e mais numerosa por meio do evangelismo”*.⁶¹ A partir do texto de Atos, percebe-se cinco princípios que Warren utiliza para fundamentar sua proposta. São eles: reunir; edificar; adorar; ministrar; evangelizar (Atos 2.42-47).

⁵⁹ BUGBEE, Bruce L. e HYBELS, Bill, 1996. p.15. Mais informações em: <<http://www.willowcreek.org.br>>.

⁶⁰ Rick Warren também fundou o Purpose Driven Ministries que conta com mais de 400 mil pastores conectados em 163 países. Seus livros foram traduzidos para mais de 30 idiomas e venderam mais de 20 milhões de cópias. Mais informações em: <<http://www.purposedrivenchurch.com>>. Veja também: <<http://www.saddleback.com>>.

⁶¹ WARREN, Rick. *Uma Igreja com propósitos*. São Paulo: Editora Vida, 2005. p.52.

Seguindo estes cinco princípios da igreja primitiva, o autor apresenta cinco propósitos para a igreja hoje. São eles:⁶²

1. Amar a Deus com todo o coração (Adoração).
2. Amar ao próximo como a si mesmo (Ministério).
3. Ir e fazer discípulos (Evangelismo).
4. Batizar (Edificar, ensinar).
5. Ensinar a obediência (Discipulado, fidelidade).

Para Warren: *“cada um dos cinco propósitos da Igreja do Novo Testamento deve estar em equilíbrio com os outros para que possa existir saúde. Isso não acontece naturalmente. Na verdade, devemos trabalhar continuamente para corrigir os desequilíbrios”*.⁶³ Enfocando igualmente todos os cinco propósitos, a igreja irá desenvolver um equilíbrio sadio, que produzirá um crescimento duradouro

Esse modelo afirma seguir o exemplo bíblico do Novo Testamento e apresenta uma proposta consistente. Pode dar certo. Quem adotar essa proposta terá que replanejar totalmente sua igreja, renunciando a forma tradicional de organização e funcionamento da mesma e assumir um novo paradigma. Entretanto, corre o risco de transformar-se em uma administração por objetivos, numa corporação eclesiástica em vez de comunidade.

3.1.5 Desenvolvimento natural da igreja

Este modelo tem origem no trabalho de Christian Schwarz que pesquisou mais de mil igrejas de todos os tamanhos e denominações em trinta e dois países nos cinco continentes, obtendo 4,2 milhões de respostas, que foram analisadas através de um *software* de última geração, desenvolvido nas universidades alemãs⁶⁴.

A pesquisa mostrou que há oito princípios universais de crescimento que estavam mais significativamente presentes nas igrejas que cresciam do que nas em declínio. Os princípios, também denominados marcas de qualidade, são:

⁶² WARREN, 2005, p.105-108.

⁶³ WARREN, 2005, p.53.

⁶⁴ Christian Schwarz é fundador e presidente do Instituto de desenvolvimento natural da Igreja, localizado na Alemanha. Entre 1994 e 1996 ele organizou o projeto de pesquisa mais abrangente das causas do crescimento da igreja até hoje realizado. Seus livros foram publicados em mais de 40 idiomas. Aqui no Brasil as publicações e o Seminário do DNI estão sob a responsabilidade da Editora Evangélica Esperança (<http://www.esperanca-editora.com.br/>), sob a liderança do pastor Walter Feckinghamhaus.

1. Liderança capacitadora: a liderança que constantemente gera novos líderes.
2. Ministérios orientados pelos dons: baseia-se na certeza de que Deus deu dons específicos aos cristãos para servirem a sua igreja através dos diversos ministérios.
3. Espiritualidade contagiante: uma espiritualidade que leve os cristãos a viverem a sua fé de uma maneira autêntica e com entusiasmo.
4. Estruturas funcionais: estruturas que se orientam nas necessidades reais, buscando supri-las e contribuindo para que o crescimento seja facilitado.
5. Culto inspirador: proporciona ao participante ter uma experiência inspiradora e na qual se sinta aceito e amado.
6. Grupos familiares (ou grupos pequenos): grupos, nos quais ocorre o aprofundamento dos relacionamentos e o atendimento das necessidades individuais.
7. Evangelização orientada pelas necessidades: aqui não se tem em mente primeiramente as pessoas com o dom de evangelista, mas sim como cada cristão pode testemunhar Cristo em seus contatos naturais do seu dia-a-dia.
8. Relacionamentos marcados pelo amor fraternal: visa tornar mais visível o amor de Cristo em todos os relacionamentos, especialmente entre os cristãos.

A abrangência da pesquisa de Schwarz permitiu definir a igreja com qualidade média como aquela em que todas as oito marcas apresentam o índice igual a cinquenta por cento.⁶⁵ Já as igrejas que crescem estão com o valor de qualidade significativamente acima da média em todas as oito marcas de qualidade (índice igual ou superior a sessenta e cinco por cento).⁶⁶ As igrejas com declínio numérico apresentam índice de qualidade abaixo do valor médio nas diversas marcas. Percebe-se então que a chave para o crescimento está na ação conjunta, harmoniosa de todos os oito elementos.

De todas as oito marcas de qualidade, os grupos familiares são a mais importante. Schwarz diz: *“Se um dos princípios estudados deve ser considerado ‘o mais importante’, então é, sem dúvida, a multiplicação de pequenos grupos”*.⁶⁷

A pesquisa de Schwarz também mostrou que quanto maior é a igreja, tanto maior a importância e necessidade de grupos pequenos que se reúnem sistemática e regularmente⁶⁸. A vida acontece nos pequenos grupos e no culto dominical celebramos esta vida. Nos pequenos grupos as pessoas estão como que “em família”, pois ali encontram atenção, ambiente

⁶⁵ CHWARZ, Christian A. *O desenvolvimento natural da Igreja*. Curitiba: Esperança. 1996. p.20.

⁶⁶ SCHWARZ. 1996, p.40.

⁶⁷ SCHWARZ. 1996, p.33.

⁶⁸ SCHWARZ. 1996, p.33.

propício para falar de suas alegrias e dores, oportunidades para estudar a Bíblia e espaço para a oração.

O Desenvolvimento Natural da Igreja (DNI) descreve princípios universais que podem ser utilizados independentemente de fatores culturais ou estilo espiritual, pois parte do princípio de que a igreja é um organismo vivo, dotado de potencial natural de crescimento dado por Deus, cabendo-nos tão somente trabalhar para limitar o que atrapalha o seu crescimento.⁶⁹

Analisando a literatura disponível, percebe-se que o DNI não é um programa pré-fabricado ou uma receita de “como fazer”. É antes uma proposta de trabalho e de avaliação objetiva dos resultados desse trabalho, possibilitando o acompanhamento e as necessárias correções de rumo. Pode-se conhecer a atual situação de uma comunidade, submetendo-a à avaliação do DNI através de questionários, próprios para isto, preenchidos pelas lideranças⁷⁰.

Quem quiser adotar esse modelo poderá partir da atual estrutura de sua comunidade que será diagnosticada, porém o processo de análise poderá ser considerado muito demorado.

3.2 Avaliação das propostas missionárias

Avaliando as cinco propostas missionárias aqui apresentadas, podemos afirmar que o DNI diferencia-se das outras quatro. Desenvolvimento Natural da Igreja é fruto de uma pesquisa científica amplamente documentada sobre o crescimento da igreja. O foco não é sobre o crescimento numérico, mas na melhoria da “saúde” da igreja, com a compreensão de que a igreja é um “organismo vivo” que precisa ser saudável para crescer. Sendo assim, o DNI pode ser uma grande ajuda para descobrir e liberar o potencial de crescimento da igreja, pois quando esta é suficientemente saudável o crescimento numérico acontece.

Analisando os outros quatro modelos aqui apresentados⁷¹ podemos afirmar que todos eles afirmam que seguem o modelo de Igreja do NT. Todos desenvolvem o pastoreio através

⁶⁹ SCHWARZ. 1996, p.10.

⁷⁰ SCHWARZ, Christian A.; SCHALK, Christoph. *A prática do desenvolvimento natural da igreja*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998, p.12. Este livro é utilizado para aplicar na igreja local os princípios descritos no livro anterior (O desenvolvimento natural da igreja). Ou seja, fazer o diagnóstico e o levantamento do perfil da comunidade, detectar os pontos fracos e fortes e investir no crescimento natural da igreja. Quem adquire este livro passa a ter direito de utilizar os questionários e o *software* do perfil da igreja (CORE). Esse material pode ser adquirido na Editora Evangélica Esperança. Outro livro da série DNI igualmente importante como ferramenta de diagnóstico (desta vez, a nível pessoal) é: SCHWARZ, Christian A. *O teste dos dons*. Curitiba: Editora Esperança, 2007.

⁷¹ São eles: Igreja nos lares, Igreja em células, Rede ministerial e Igreja com propósitos.

de pequenos grupos, valorizando o uso dos dons e enfatizando o sacerdócio geral dos que creem. Formam, em geral, comunidades urbanas de crescimento rápido, pois todos têm um enfoque único de missão que é percebido e afirmado pela maior parte dos membros destas congregações. Além disso, todos os membros têm uma dedicação à tarefa evangelizadora de tornar Cristo conhecido em seu bairro ou cidade e levam essa tarefa a cabo. No entanto, nenhum destes modelos desenvolve uma visão adequada de vocação, pois não estão interessados em espalhar os cristãos para servir no mundo, mas apenas em recrutar pessoas que façam a estrutura eclesial crescer e funcionar. Nenhum destes modelos dá ênfase à missão integral, pois estão voltados apenas para seu próprio crescimento numérico. Não desenvolvem o conceito de missão no mundo, mas apenas de resgate dos “perdidos” para que sejam tirados do mundo e se integrem às comunidades cristãs locais. Não apresentam uma ênfase no trabalho social, nem tão-pouco um engajamento social e político na busca pela transformação da sociedade e do mundo em que vivemos.

Quase todos os modelos apresentam um programa fechado que deve ser aplicado na íntegra e pressupõem alterações radicais da estrutura eclesial, mudando do “departamentalismo” para os processos funcionais. As melhores propostas são da Igreja com Propósitos e do Desenvolvimento Natural da Igreja, pois organismos vivos crescem naturalmente, desde que saudáveis. Mas ambas as propostas utilizam as estratégias de marketing religioso, o que implica no perigo de artificializar o crescimento.

4 IMPLANTANDO PEQUENOS GRUPOS NOS LARES

E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos. At. 2.42-43.

No primeiro capítulo, analisamos a vida agitada e complexa do ser urbano e percebemos que a rotina da cidade não nos permite ter o convívio necessário para nutrirmos relacionamentos saudáveis com outras pessoas. No segundo capítulo, analisamos a importância da casa como local de encontro e comunhão. Percebemos que a igreja cristã desde o seu início também existia em pequenos grupos e as reuniões nas casas eram essenciais para o cumprimento da sua missão. No terceiro capítulo, apresentamos as principais propostas missionárias que estão influenciando as igrejas evangélicas no Brasil.

Neste capítulo, queremos, a partir da vasta literatura até aqui analisada e também da experiência pastoral de mais de treze anos, elaborar uma proposta de trabalho em pequenos grupos caseiros a ser aplicada na realidade urbana. Resistimos à tentação de copiar modelos prontos e ousamos confeccionar um modelo a ser aplicado em nossa comunidade⁷². Esta proposta visa promover relacionamentos profundos e duradouros através do acolhimento e da vivência da fé. Pode ser missionária e edificadora, na medida em que valoriza a casa das pessoas como local de encontro e a vivência da fé através do estudo bíblico, da comunhão e da importância dos relacionamentos.

No modelo de igreja praticado na IECLB, temos a oportunidade de encontrar muitas pessoas no culto dominical, porém passamos a conversar apenas após as celebrações. Muitos irmãos mal se saúdam e já vão embora. Estamos criando uma comunidade que se reúne regularmente, mas onde os membros são estranhos uns aos outros. Não temos a oportunidade de conversar, amar, aceitar, edificar, ensinar, aconselhar, servir e orar uns pelos outros. Sem a prática da mutualidade, estamos matando a comunhão.

Na participação em pequenos grupos, cada pessoa exerce o sacerdócio geral de todos os crentes. A grande redescoberta de Lutero ensina que temos livre acesso a Deus e ao estudo da sua Palavra, compartilhando o que temos aprendido e experimentado pela iluminação do Espírito Santo. Todos têm a oportunidade de compartilhar a vida, orar uns pelos outros, exortar, aconselhar, submetendo-nos e edificando-nos através do mútuo sacerdócio.

⁷² Comunidade Evangélica de Confissão Luterana Mathias, filiada à IECLB. Rua Mato Grosso, 31. Bairro Mathias Velho, Canoas, R.S.

4.1 O porquê de pequenos grupos nos lares

Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. At 2.44-45.

O modelo de pequenos grupos caseiros já foi utilizado desde o início da igreja cristã e tem sobrevivido ao longo dos séculos como um modelo que funciona. Além disso, cria ambiente apropriado para o desenvolvimento espiritual, pois proporciona a oração intercessora, facilita o estudo participativo da Bíblia e transforma espectadores em participantes ativos. Sabe-se que o desenvolvimento de cada indivíduo é em proporção direta à sua participação. Pessoas que estão apenas assistindo passivamente crescem menos.

Nos pequenos grupos, a ausência de um membro é facilmente percebida, pois todos estão próximos uns dos outros, criando um vínculo de relacionamento muito profundo. Evita-se a inatividade, facilitando o desenvolvimento e o uso dos dons e devolvendo a cada membro o direito de exercer o seu papel na comunidade de fé e no reino de Deus. Promovendo assim o sacerdócio geral de todos os que creem e também a formação de novos líderes.

O trabalho com pequenos grupos é flexível, tem mobilidade, é inclusivo, é pessoal e cria relacionamentos. Traz crescimento por multiplicação, é adaptável à igreja institucional e é de pequeno custo operacional. Por tudo isso, pode tornar-se uma ferramenta muito importante na missão urbana. Além disso, a vivência da fé cristã em pequenos grupos familiares pode representar um “remédio” contra o individualismo e a solidão, marcas tão presentes em nossa realidade urbana. Nesta proposta de igreja a ordem de Cristo do “Ide” é praticada de tal forma que a igreja vai até as pessoas e muitos novos membros são alcançados através de amigos, parentes e vizinhos.

Hoje em dia as pessoas de nossa sociedade despersonalizada e massificada têm um clamor em suas almas para encontrar um lugar em que possam ser aceitas e amadas. Onde a vida passa a fazer sentido novamente e a ter um novo significado. No entanto, sabemos que a implantação de grupos pequenos não é a receita automática que resolve todos os males do mundo e da igreja. Essa proposta é limitada, na medida em que não apresenta uma ênfase no trabalho social, nem um engajamento direto na busca pela transformação da sociedade e do mundo em que vivemos. Isso não impede de surgir, a partir da reflexão nos grupos caseiros, uma conscientização e um engajamento que resultará em apoio a projetos assistenciais e iniciativas, presentes em nossa sociedade, que promovem a dignidade humana e defendem a vida.

4.2 Começando pequenos grupos nos lares

Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia os que iam sendo salvos.
At 2.46-47.

Os membros que formam um pequeno grupo caseiro são, inicialmente, os membros da própria comunidade que foram indicados ou escolheram esse grupo. Depois acrescentar-se-ão os amigos, vizinhos, colegas de trabalho e demais convidados. No entanto, é fundamental que esta proposta de grupos caseiros seja discutida, elaborada e aprovada pelo presbitério ou conselho paroquial. Deve ser fruto de uma profunda reflexão e de um planejamento estratégico e não pode ser uma iniciativa apenas do obreiro ou da obreira. Precisa ser uma ação planejada e gestada por toda a liderança da comunidade. É preferível investir em alguns encontros para conseguir a adesão e o apoio da liderança do que começar sozinho e fracassar.

O próximo passo é a definição de líderes, auxiliares de líderes, locais de encontros e lares hospitaleiros. A experiência de diversos modelos apontam para a importância da seleção e do treinamento dos primeiros líderes que serão o alicerce para todo o movimento. Esse assunto abordaremos mais adiante.

Analisando diversas propostas, percebe-se que o sucesso da implantação dos primeiros grupos é decisivo para a ampliação deste projeto em toda a comunidade. Se os primeiros grupos fracassarem, será muito difícil convencer os demais membros da comunidade de que tal proposta é viável. Por isso, estamos implantando na Comunidade Mathias um projeto piloto de três grupos caseiros.

Cada grupo será composto, inicialmente, de oito a doze pessoas. Quando um grupo atingir o número de vinte participantes, ele se dividirá em dois. É a dinâmica de multiplicação usada por quase todos os modelos anteriormente analisados. Pode-se estipular uma meta e um prazo para essa multiplicação. Estipulamos o prazo de um ano para a primeira multiplicação.

Esse projeto pode evoluir, num segundo estágio, para o planejamento e a implantação de grupos em todos os bairros da cidade de Canoas que são assistidos pela Comunidade Mathias. Desta forma, a igreja se fará presente em cada bairro, em cada casa e em cada lar. Isso, obviamente, dependerá do desempenho desta fase inicial.

Neste caso, será necessária a divulgação deste alvo e a motivação para que toda a comunidade dele participe. Pode-se divulgar essa proposta nos cultos e grupos, abrindo listas de inscrições para quem deseja liderar, hospedar ou simplesmente participar de um grupo de

estudo bíblico nos lares. Pode-se também usar o boletim informativo ou outros meios de comunicação disponíveis para divulgar a ideia para toda a comunidade. No entanto, faz-se necessário ter um planejamento e fixar uma data limite para divulgação e outra para o início dos novos grupos. Entendemos que essa data pode variar de acordo com o tamanho da comunidade a ser alcançada.

Quanto ao local de encontro, este não está limitado a nossa compreensão atual de casa. Pode ser realizado em uma empresa (na hora do almoço), escolas, salões de festas de condomínios, associações de moradores e em qualquer lugar onde haja um mínimo de condições para reunir um grupo de pessoas e compartilhar a Palavra de Deus. Nosso critério foi escolher casas em bairros onde têm uma concentração maior de famílias da comunidade e onde a vizinhança é mais aberta.

Entendemos que o anúncio do evangelho nos grandes centros urbanos exige uma ação estudada e planejada, constantemente avaliada e sempre estimulada, sobretudo diante dos desafios cada vez mais crescentes.

4.3 O funcionamento dos pequenos grupos nos lares

Quando vos reunis, um tem salmo, outro, doutrina, este traz revelação, aquele, outra língua, e ainda outro, interpretação. Seja tudo feito para edificação. 1Co 14.26.

A proposta é de um encontro semanal de cerca de uma hora, pois reuniões demoradas podem espantar pessoas e inviabilizar o projeto. Os mais interessados podem continuar conversando após o encerramento. Isso gera um clima de descontração, cria amizades e promove a comunhão. A duração de uma hora pode ser flexível, mas o líder precisa manter o controle do tempo e não permitir que o grupo se desvie do assunto ou se perca em alguma discussão.

A reunião deve ser simples e pode ser dividida em quatro partes: acolhida, cânticos, estudo bíblico e um espaço para compartilhar e orar. Na acolhida (cerca de 10 minutos) temos o momento de saudar os visitantes e aniversariantes e trazer algumas informações importantes como o tema que será compartilhado.

Pode-se cantar de dois e três hinos (cerca de 10 minutos) usando folhas de cânticos que são mais simples do que hinários e fáceis de manusear. O estudo bíblico deve ser de 20 a 30 minutos, usando uma passagem pequena das Escrituras acompanhada de uma breve

explicação do texto e do contexto e de duas a três perguntas para discussões práticas. O objetivo é aplicar o texto à vida cotidiana. Após o debate, segue-se um momento onde as pessoas podem compartilhar motivos de oração (cerca de 20 a 30 minutos). Pode ser uma necessidade ou até mesmo um desabafo. Entretanto, faz-se necessário um pacto de confiança onde os membros do grupo saibam ouvir e não contar adiante aquilo que é pessoal e que causaria constrangimento, quebrando a confiança uns nos outros. Finaliza-se orando pelas necessidades de todos.

O pequeno grupo caseiro não deve seguir o modelo formal de culto. Deve ser informal, pois o ambiente familiar também é informal. É importante que todos se conheçam pelo nome e possam sentar-se em círculo. A receptividade dos moradores da casa que hospeda é fundamental para que o grupo se sinta bem-vindo.

As reuniões devem ser feitas em locais alternados, dando oportunidade para que todos se sintam à vontade para acolher o grupo em sua casa. Essa prática promove a participação de familiares, vizinhos e convidados do casal que recebe o grupo. Esse rodízio não precisa ser semanal, pois, mantendo-se os encontros na mesma casa durante um período maior (pode ser um mês) gera-se estabilidade e menos confusão para os que faltaram, quanto ao local da próxima reunião.

Algumas experiências mostram que um lanche simples no final de cada encontro ajuda muito no convívio. Entretanto, é preciso cuidar para que essa prática não venha a ser motivo de competição entre os lares que hospedam no sentido de que cada qual deseja oferecer um lanche melhor do que o outro. Ou ainda, que essa prática gere constrangimentos naqueles que não têm condições financeiras para oferecer um bom lanche. Uma solução encontrada é que o próprio grupo providencie o lanche e não a casa que hospeda.

Todo grupo caseiro precisa ter alvos de crescimento através dos círculos de amizades e parentesco. Para isso existem algumas sugestões que David Kornfield e Gedimar de Araújo chamam de ferramentas evangelísticas.⁷³

Destacamos aqui algumas que consideramos importantes:

1. Mudar de uma casa para outra, pois cada mudança traz a possibilidade de mais algumas visitas.
2. Manter uma cadeira vazia como um gesto simbólico para conscientizar o grupo do desejo de ter outras pessoas presentes. No final de cada encontro, pode-se orar para que na próxima semana essa cadeira seja ocupada por um visitante.

⁷³ KORNFIELD, David e ARAUJO, Gedimar de. *Implantando grupos familiares*. Estratégia de crescimento segundo o modelo da Igreja Primitiva. São Paulo: Sepal, 1995.

3. Desenvolver temas e materiais atraentes.
4. Cada membro do grupo pode orar, durante a semana, intercedendo a Deus pela vida de três pessoas, com as quais tem algum contato e gostaria que viessem a participar do grupo.
5. Usar uma tradução da Bíblia popular e comum a todos, pois isso facilita a compreensão, especialmente dos visitantes.

Os grupos crescem com mais facilidade quando possuem alvos claros e quando os seus participantes mantêm a visão destes alvos. Convidar e acolher novos participantes são o caminho para o grupo crescer e multiplicar-se.

4.4 Formando lideranças para os pequenos grupos nos lares

E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros. 2Tm 2.2

Na seleção dos líderes dever-se-ia levar em conta algumas qualidades necessárias para liderar⁷⁴. O líder precisa ser uma pessoa comprometida com o reino de Deus (cf. Mt 6.33) e participante ativo dos cultos e das programações da comunidade. Deve ter um compromisso claro com a unidade de sua igreja e clareza confessional, mesmo que o grupo tenha um caráter ecumênico e seja aberto a visitantes de outras confessionalidades, pois: *“qualquer grupo pequeno pode facilmente tornar-se um ponto de discordância e divisão, se o líder deste grupo não tiver um compromisso com a integridade da igreja”*.⁷⁵

Todo líder deveria estar disposto a assumir essa tarefa pelo período de, pelo menos, um ano. Depois poderia decidir se deseja fazer um novo compromisso de mais um ano. Não é necessário que o líder seja um grande professor de Bíblia ou um grande orador. Em vez disso, ele deve ser um facilitador da participação de outros, alguém que valoriza a participação de todos os integrantes do grupo e sabe direcionar sem dominar. Precisa ser disponível e dedicar tempo para sua própria formação, para o preparo de cada encontro e para acompanhar o grupo. Além disso, o líder precisa ser alguém que aceita o ensino e a supervisão do/a obreiro/a.

⁷⁴ KORNFIELD, David e ARAUJO, 1995. p. 79-83

⁷⁵ KORNFIELD, David e ARAUJO, 1995. p.81.

Claudio Ernani Ebert, em seu livro *Grupos Familiares*, afirma: “*Entregar tarefas a pessoas despreparadas é sinônimo de dor de cabeça. Muitos erros, em muitos grupos, poderiam ter sido evitados se esse aspecto fosse mais observado*”.⁷⁶ Por isso, os líderes precisam ser preparados e regularmente acompanhados pelo obreiro ou pela obreira. Isso exige tempo e muito investimento, mas é fundamental para o bom funcionamento dos grupos. Acreditamos na importância de um relacionamento estreito entre o ministério ordenado e o ministério não ordenado. Na importância do acompanhamento pastoral e da supervisão de todo o projeto. Por isso, na Comunidade Mathias, realizamos um treinamento inicial de três semanas com os futuros líderes de grupos caseiros. Além disso, projetamos para cada líder um auxiliar ou vice-líder, pois quando o grupo se multiplicar terá lideranças suficientes para assumir o novo grupo.

A partir da literatura analisada e da experiência pastoral, entendemos que cabe ao ministério ordenado a tarefa de capacitar novos líderes, elaborar o material a ser usado em cada encontro e se reunir mensalmente com os líderes de grupos para orientá-los. Além disso, é tarefa do ministério ordenado visitar cada grupo num período de dois a três meses de intervalo. Mas não deve assumir a condução da reunião no lugar do líder de grupo, pois isso contrariaria o exercício do sacerdócio geral de todos os que creem.

4.5 Como o pequeno grupo e a grande celebração se relacionam

E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar Jesus, o Cristo. At 5.42.

Esta proposta contempla a harmonia entre a comunidade que se reúne no templo todo domingo de manhã com a comunidade que se reúne nos pequenos grupos durante a semana. Na verdade, é uma só igreja que parte do templo para as casas e retorna novamente para a grande celebração. Nesta proposta, a Igreja é como uma ave que precisa de suas duas asas para voar. O pastor Bill Beckham, do Touch Ministries dos EUA, escreve a respeito disso através da parábola da igreja de duas asas.

Era uma vez uma igreja criada com duas asas. Uma asa era para a celebração em grupos grandes e a outra era para a comunidade dos grupos pequenos. Utilizando ambas as asas, a igreja conseguia voar alto e se aproximar da presença de Deus e ainda sobrevoar graciosamente toda a terra, preenchendo o propósito do Criador. Um dia, uma enciumada e malvada serpente

⁷⁶ EBERT, Claudio Ernani. *Grupos Familiares*. Um modelo brasileiro. São Paulo: Vida, 1997. p.43.

que não tinha asa alguma desafiou a igreja a voar apenas com a asa do grupo grande. A serpente aplaudiu efusivamente quando a igreja conseguiu levantar vôo (mesmo que de forma desajeitada) e a convenceu de que, com muito exercício, ela conseguiria voar utilizando apenas uma asa. Enganada desde aquele dia, a igreja de duas asas começou a se satisfazer com apenas uma asa... A igreja de duas asas que havia planado nas maiores alturas se tornou agora uma igreja de uma asa, um pouco melhor do que a serpente malvada que não tinha asa alguma. O criador da igreja ficou triste. Ele sabia que o projeto das duas asas permitia a igreja a voar aos céus, até a sua presença e obedecer aos seus comandos na terra. Agora, com apenas uma asa, a igreja tinha que fazer um esforço extra para conseguir levantar vôo. Mesmo dando um jeito de permanecer alada, ela tendia a voar em círculos não muito longe do seu ponto de partida. Gastando mais e mais tempo na segurança e no conforto de sua gaiola, ela ficou gorda, preguiçosa e satisfeita com sua vidinha terrena. De vez em quando, a igreja lembrava que já havia voado com duas asas e sonhava com a possibilidade de fazê-lo novamente. Mas agora, a poderosa asa do grupo grande se tornou tão dominante que não aceitava nenhum tipo de auxílio da parte mais fraca. Era tarde demais. O criador finalmente construiu uma nova igreja de duas asas. Ele tinha, outra vez, uma igreja que podia voar até a sua presença e sobrevoar a terra cumprindo os propósitos dEle⁷⁷.

Analisando esta parábola moderna, podemos afirmar que, tal qual uma ave, também a igreja necessita de duas asas para voar. A primeira é a asa dos pequenos grupos caseiros. Esta asa atua nos lares alcançando as pessoas lá onde elas convivem umas com as outras no cotidiano. A outra asa, igualmente importante, é chamada de asa da celebração, da reunião dos pequenos grupos no grande grupo da celebração semanal⁷⁸.

A sintonia entre os pequenos grupos e a grande celebração é fundamental, pois os dados analisados anteriormente mostram que a pessoa urbana hoje se caracteriza por viver em seu próprio mundo, prefere estar em sua casa a ir a uma reunião pública. E, por isso, o melhor evangelismo é o relacional ou baseado em relacionamentos. No entanto, os pequenos grupos precisam conectar-se, precisam de redes para se retroalimentar.

Uma estratégia eficiente para interligar o culto dominical com os encontros nos pequenos grupos pode ser a relação entre prédica e estudo bíblico. A ideia é simples e funciona muito bem. Basta adotar o texto da pregação dominical como tema do próximo encontro caseiro. Nesta proposta, cada líder de grupo recebe um resumo da prédica acompanhado de duas a três perguntas para serem debatidas no grupo. Essa dinâmica desperta o interesse dos participantes dos grupos em participar do culto para ouvir a pregação e poder reagir às perguntas depois no encontro nas casas. Também os líderes, são motivados a participar do culto para receber a tarefa do próximo encontro.

Outra estratégia de conectar a grande celebração da comunidade com os pequenos grupos é convidar os grupos caseiros para participar da elaboração e organização de um culto

⁷⁷ BECKHAM, Bill. *A parábola da igreja de duas asas*. Disponível em <<http://teideoracao.blogspot.com/2008/09/parbola-da-igreja-de-duas-asas.html>>. Acesso em: 09 de outubro 09.

⁷⁸ O final desta parábola apresenta uma visão da qual discordamos. O pastor Bill Beckham dá a entender que o Ministério Igreja em Células é a nova igreja de duas asas criada por Deus para voar até a sua presença e sobrevoar a terra. Fica evidente que tal visão se torna exclusivista e discrimina outras propostas de ser Igreja.

por mês. Periodicamente, cada grupo pode assumir a tarefa de pensar a temática, elaborar a liturgia, escolher os hinos e celebrar o culto com a comunidade.

Nesta proposta, é importante que o ministério ordenado acompanhe, desde a distribuição das atribuições de cada membro do grupo, até o preparo e execução das tarefas na grande celebração. Os pequenos grupos caseiros são parte da comunidade. Podem e devem trazer para dentro da grande celebração temas relacionados com a vida e a dinâmica dos encontros caseiros. Entretanto, cabe ao obreiro ou obreira o discernimento teológico, o zelo pela confessionalidade e a capacitação do ministério sem ordenação na concretização do sacerdócio geral de todos os que creem.

CONCLUSÃO

...para viver o evangelho na cidade, é preciso ter uma vida comunitária intensa, sem a qual não haverá verdadeira educação cristã⁷⁹.

Este trabalho procurou demonstrar a importância dos pequenos grupos caseiros para uma presença pública da igreja na realidade urbana. A comunidade cristã necessita ocupar espaço na cidade e dar testemunho de sua fé. Pode fazer isso criando redes de articulação, entrosamento e comunicação mais dinâmica, através da comunhão e da participação que proporciona às pessoas nos pequenos grupos caseiros espalhados pelos bairros da cidade.

A pesquisa demonstrou que o processo de urbanização no Brasil está caracterizado por mudanças muito profundas. O movimento de migração e o fenômeno da metropolização sinalizam a procura das pessoas por condições de vida mais dignas. As pessoas que buscam viver na cidade apresentam expectativas, necessidades e demandas variadas. Isso faz com que a cidade torne-se o lugar do desejo e da frustração, pois fascina e encanta com muitas ofertas e possibilidades. Mas a grande maioria não encontra na cidade condições essenciais para se estabelecer e viver com dignidade. O processo de empobrecimento está aumentando o número de miseráveis, pois o Estado se mostra incapaz de administrar o planejamento urbano visando o bem-estar de todos os que habitam as cidades.

Grande parte da população sofre o desenraizamento e a perda dos liames familiares e comunitários. A quebra dos vínculos leva à solidão e ao anseio por relações pessoais. O ser urbano é então induzido a consumir cada vez mais produtos, inclusive religião. Crescem as ofertas das religiões de consumo individual.

É natural que essa realidade também afete as nossas comunidades de fé, pois ainda temos muitas dificuldades em diversificar nossas frentes de trabalho e ofertas de serviço na missão urbana. Precisamos retomar o sentido bíblico da cidade como espaço de realização humana, espaço de comunhão e de vida. Onde as alegrias são compartilhadas e dores repartidas. Onde o amor se concretiza no exercício da misericórdia, da solidariedade e da fraternidade. Entre tantas possibilidades de missão na cidade, destacam-se os pequenos

⁷⁹ COMBLIN, 2002, p. 26

grupos caseiros como espaços de manifestação do reino de Deus e instrumentos para a missão urbana. Eles representam um meio eficaz para fazer frente ao grande vazio imposto pela sociedade pós-moderna, que progressivamente desenraiza as pessoas de seus elos de pertença. Nos encontros domésticos as pessoas solitárias têm a oportunidade de experimentar relacionamentos significativos com outras, com Deus e consigo mesmas. A experiência dos pequenos grupos possibilita que os diferentes formem uma família e sintam-se em casa, pois pequenos grupos são espaços para os que estão em busca daquilo que lhes é negado na realidade urbana. Ou seja: vida, aconchego, pertença e comunhão.

Neste sentido, o presente trabalho destacou a importância da casa para a missão urbana, pois ela é a chave hermenêutica da cidade. Compreender o papel que a casa desempenha para os que habitam a cidade é fundamental. Por isso, a missão urbana não pode estar centralizada apenas no templo. Precisa ir até as casas das pessoas criando redes de articulação e comunhão através dos pequenos grupos caseiros.

Pesquisando o Novo Testamento, percebeu-se que a casa foi a primeira célula do cristianismo que se multiplicou e cresceu até os milhares de templos e catedrais que estão espalhados pelo mundo. E, mesmo que, durante vários séculos de nossa história recente, a ênfase esteve nas grandes celebrações realizadas em templos e basílicas, o modelo de igreja doméstica sobreviveu. Foram os grupos caseiros que sustentaram o cristianismo até os tempos de Constantino. Depois, passaram à clandestinidade durante a Idade Média e floresceram com os vários movimentos de renovação espiritual, chegando aos dias atuais com uma vitalidade impressionante. Percebe-se esse florescer através da análise de diferentes modelos e propostas que estão sendo implementadas em muitas denominações religiosas no Brasil, inclusive em comunidades da IECLB. Sendo assim, este trabalho pesquisou diferentes modelos e procurou apresentar uma proposta a ser aplicada em nossa realidade de confissão luterana, especialmente em contexto urbano.

A pesquisa também apontou para a necessidade de se investir com coragem na prática do sacerdócio geral de todos os que creem, repensando a relação entre ministérios ordenados e não-ordenados. Como herdeiros da teologia luterana, temos muito a contribuir para a missão urbana na retomada e vivência da grande descoberta de Lutero sobre o sacerdócio geral. Fazemos parte da comunidade cristã desde o Batismo. Por meio dele, somos incorporados no corpo de Cristo (1Co 12.12-13) e na grande família de Deus (Ef 2.19). Em Cristo temos acesso direto a Deus e não precisamos de outro mediador (1Tm 2.5). Daí fica claro que a missão não é tarefa de apenas alguns especialistas, mas incumbência de toda a comunidade, de todos os que crêem. Recebemos de Jesus a missão de anunciar o reino de Deus e, para isso,

precisamos dos diferentes ministérios e da participação de todos os membros de nossas comunidades.

Por último, mas não menos importante, destaca-se a relação entre os pequenos grupos caseiros e a grande celebração comunitária, pois toda a vivência da comunidade emana do culto e nele desemboca. Nesse sentido, todos os grupos convergem na comunidade reunida em culto. No culto, a comunidade deixa-se servir por Deus sendo fortificada para prestar culto a Deus, com seu testemunho e serviço, no mundo em que vive. Desta forma a comunidade como um todo é enriquecida e acontece a capilaridade da igreja, pois assim como o sangue leva a vida para todo o corpo através das veias e capilares, assim a comunidade de fé se faz presente em toda a cidade. O culto, que começa no templo, continua nos bairros da cidade nos encontros semanais e volta novamente para o templo perfazendo uma unidade entre celebração e vida.

BIBLIOGRAFIA

A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

A CONFISSÃO DE AUGSBURGO: 1530 -1980. São Leopoldo: Sinodal, 1980.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BECKHAM, Bill. *A parábola da igreja de duas asas*. Disponível em: <<http://teiadeoracao.blogspot.com/2008/09/parbola-da-igreja-de-duas-asas.html>>. Acesso em: 09 de outubro 09.

BETTO, Frei: *O que é Comunidade Eclesial de Base*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

BOBSIN, Oneide (Org.). *Desafios urbanos à igreja*. Estudos de caso. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

BOSCH, David J. *Missão transformadora*. Mudanças de paradigma na teologia da missão. Trad. Geraldo Komdörfer e Luís M. Sander. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2002.

BRANICK, Vincent. *A igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994.

BUGBEE, Bruce L.; HYBELS, Bill. *Rede Ministerial: pessoas certas, nos lugares certos, pelas razões certas*. São Paulo: Vida.1996.

CAMPBELL, Colin. A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodiceia para um novo milênio. In: *Revista Religião e Sociedade*, vol. 18, número 1. Rio de Janeiro: ISER, 1997. p. 5-22.

CASTRO, Clovis Pinto de. *Por uma fé cidadã*. A dimensão pública da igreja. Fundamentos para uma pastoral da cidadania. São Bernardo do Campo: Umesp; São Paulo: Loyola, 2000.

COMBLIN, José. *Pastoral Urbana*. O dinamismo na evangelização. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Os desafios da cidade no século XXI*. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. *Teologia da cidade*. São Paulo: Paulinas, 1991.

_____. *Viver na cidade*. Pistas para a pastoral urbana. São Paulo: Paulus, 1996.

COMISKEY, Joel. *Crescimento Explosivo da Igreja em Células*. Curitiba: Ministério Igreja em Células, 1997.

EBERT, Claudio Ernani. *Grupos Familiares*. Um modelo Brasileiro. São Paulo: Editora Vida, 1997.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.

FISCHER, Joachim H. Reforma luterana e Missão. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 41, n. 3, p. 5-21, 2001.

HOCH, Lothar. O ministério dos leigos: genealogia de um atrofiamento. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 30, n.3, p. 256-270, 1990.

HOFFMANN, Arzemiro. *A cidade na missão de Deus*. O desafio que a cidade representa para a bíblia e a missão de Deus. Curitiba: Encontro, Sinodal, CLAI, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Tendências demográficas: uma análise dos resultados da sinopse preliminar do censo demográfico 2000*. Departamento de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2001, p.15. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_resultados/sinopse_censo2000.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2009.

JACOB, Cesar Romero et al. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, São Paulo: Loyola, 2003.

KORNFELD, David; ARAUJO. Gedimar de. *Implantando grupos familiares*. Estratégia de crescimento segundo o modelo da Igreja Primitiva. São Paulo: Sepal, 1995.

LAY, Robert Michael. Apostila *Células... O que é isso?* Visão e Estrutura do Sistema. Ministério Igreja em Células: Curitiba. [s.d].

LIBANIO, João Batista. *As lógicas da cidade*. O impacto sobre a fé e sob o impacto da fé. São Paulo: Loyola, 2001.

LUTERO, Martinho. *Pelo Evangelho de Cristo: obras selecionadas de momentos decisivos da Reforma*. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo:Sinodal; Porto Alegre:Concórdia, 1984.

_____. *Os Catecismos*. Tradução de Arnaldo Schüller. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1983.

MARTINE, George. Situação da população mundial 2007. Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA). Nova Iorque: UNFPA. 2007.

NEIGHBOUR JR. Ralph. *Manual do Líder de Célula*. Fundamentação espiritual e prática para líderes de células. Curitiba: Ministério Igrejas em Células. 2001.

PAULY, Evaldo Luis. *Cidadania e pastoral urbana*. São Leopoldo: Sinodal, IEPG, EST, 1994.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHWARZ, Christian A. *O desenvolvimento natural da Igreja*. Guia prática para cristãos e igrejas que se decepcionaram com receitas mirabolantes de crescimento. Curitiba: Esperança, 1996.

_____. *O ABC do desenvolvimento natural da Igreja*. Curitiba: Esperança, 1998.

_____. *O teste dos dons*. Curitiba: Editora Esperança, 2007.

SCHWARZ, Christian A.; SCHALK, Christoph. *A prática do desenvolvimento natural da igreja*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (Org.). *O fenômeno urbano*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p.11-25.

SIMSON, Wolfgang. *Casas que Transformam o Mundo*. Igreja nos lares. Tradução: Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2001.

SPENER, Philipp Jakob. *Pia Desideria*. Um Clássico do Pietismo Protestante. Tradução: Prócoro Velasques Fº. São Bernardo do Campo, SP: Imprensa Metodista, 1985.

STOCKSTILL, Larry. *A igreja em células*. Belo Horizonte: Betânia, 2000.

STRÖHER, Marga. *A Igreja na Casa dela*. Série Ensaio e Monografias nº 12, São Leopoldo: IEPG, 1996.

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana*. Um estudo de antropologia social. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

VOLKMANN, Martin. Edificação de Comunidade a partir do Ministério Compartilhado. *Estudos Teológicos*, v.37, n. 2, p. 154-170 (1997).

_____. Teologia Prática e o ministério da Igreja In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.) *Teologia Prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal ; ASTE, 1998. p. 79 -97.

WARREN, Rick. *Uma vida com propósitos: você não está aqui por acaso*. São Paulo: Editora Vida, 2003.

_____. *Uma Igreja com propósitos*. São Paulo: Editora Vida, 2005.

WIRTH, Louis. *O Urbanismo como um modo de vida*. In: VELHO, Otávio G. (org.) *O Fenômeno Urbano*. Ed. Guanabara, Rio de Janeiro, 1987.

ZWETSCH, Roberto E. *Missão como com-paixão*. Por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Sinodal: Quito: CLAI, 2008.